

# A Persistência da Unidade Familiar de Produção: A Sericicultura em Charqueada

DARLENE AP. DE OLIVEIRA <sup>1</sup>

LÚCIA H. DE O. GERARDI <sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

Levando-se em consideração a diversidade de organização do espaço que estabelece a atividade agrícola, e tendo por cenário o município de Charqueada, o presente trabalho procurou desvendar as transformações ocorridas no espaço rural charqueadense a partir da atividade sericícola e os agentes responsáveis por elas.

A agricultura é a atividade econômica principal do município, tendo como cultivo dominante a cana-de-açúcar, atividade altamente capitalizada, cujas características principais são a grande extensão de terras ocupadas, a utilização da mão-de-obra assalariada temporária e o alto nível de tecnificação e investimento.

No entanto, já em 1927, Charqueada era o principal produtor de casulos de bicho-da-seda do Estado de São Paulo. Trata-se de uma atividade tipicamente artesanal, a meio caminho entre a agricultura (cultivo da amoreira) e a pecuária (criação do bicho-da-seda), realizada em pequenas unidades de produção familiar, nas quais proprietários e parceiros, sem capital para investir na atividade canavieira, procuram reproduzir-se enquanto produtores familiares ou camponeses através da alternativa sericicultora e da utilização da força de trabalho familiar.

Esta duplicidade de atividades vem caracterizando o município de Charqueada mais fortemente a partir da década de 60. Durante este período, o município sofreu mudanças em sua organização agrária. A cana-de-açúcar e a sericicultura organizaram o espaço em momentos e condições distintas, sem nunca deixarem de existir, alternando-se de forma a que, de acordo com as condições de rentabilidade, uma e outra tornavam-se a atividade dominante.

1. Mestre em Geografia — UNESP — Rio Claro.

2. Departamento de Planejamento Regional — IGCE — UNESP, Campus de Rio Claro. Orientadora da Dissertação.

Dessa forma, embora o espaço agrário charqueadense coloque-se na atualidade como uma das áreas mais capitalizadas do país, incorporada ao chamado Quadrilátero Açucareiro do Estado de São Paulo, mantém uma atividade agrícola diferenciada tendo, de um lado, uma atividade tipicamente capitalista e, de outro, a persistência de unidades camponesas de produção. Nesse sentido, procurou-se averiguar o potencial de organização do espaço das duas atividades em questão, procurando enfatizar o papel da atividade sericicultura.

Como a tendência geral do capitalismo, desde seu surgimento, tem sido a de penetrar em todos os setores da economia, no campo, o capital tem penetrado e provocado mudanças nas formas tradicionais de utilização da terra e nas relações de trabalho o que levou estudiosos a prever o desaparecimento das formas pré-capitalistas ou não-capitalistas de produção, à medida que o capitalismo se desenvolvesse. No entanto, mesmo tendo alcançado alto nível de desenvolvimento, o capital não conseguiu destruir essas formas tradicionais e expressa-se espacialmente sob formas distintas sem, necessariamente, eliminar aquelas já existentes, como é o caso da sericicultura em Charqueada.

São estas formas diferenciadas que permitem a existência de duas atividades distintas num mesmo espaço sem, contudo, haver conflito explícito entre ambas. O capital tem sido o agente organizador do espaço agrário charqueadense embora contraditoriamente dê oportunidade de permanência de relações de produção e processos produtivos em desacordo com os cânones tradicionais do modo de produção capitalista. Estudar o que determina esta permanência foi o objetivo principal deste trabalho. Para tanto, adotou-se como marco teórico a linha da escola da organização da produção expresso nos trabalhos de Chayanov (1974, 1981) e os da linha camponesista expresso por Tepicht (1973), Shanin (1971), Chonchol (1986), Mendras (1978).

## I — O DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA PAULISTA E A SERICICULTURA

É indiscutível o papel hegemônico representado pelos cultivos de exportação na agricultura brasileira. Desde a colonização, de natureza mercantil, o mercado externo foi o grande condutor da economia nacional. A agricultura se desenvolvia à medida que a demanda desse mercado possibilitasse. Sendo a economia nacional organizada temporal e espacialmente através da hegemonia do mercado externo, ela também estava sujeita às oscilações desse mercado e assim, as crises sem dúvida eram contundentes. Estes momentos por muitos considerados catastróficos, provocavam mudanças profundas. Dessa forma, pode-se dizer que a agricultura brasileira sempre esteve subordinada ao capital mercantil que organizava a terra e o trabalho.

Essa organização se dava através da distribuição espacial e temporal do capital em consonância com o mercado externo, havendo então concentração de capital em determinado cultivo que, assim, ocupava a terra disponível e absorvia toda mão-de-obra para realização do trabalho agrícola. Ou seja: a concentração do capital correspondia, de maneira geral à concentração do espaço, tanto do ponto de vista da apropriação como do ponto de vista do uso.

Nos momentos de crise, para assegurar a mão-de-obra e garantir sua reprodução, assim como obter alguma acumulação sem ser necessário desviar capital para isto, os latifundiários, fossem eles produtores de cana ou café, possibilitavam uma utilização mais “democrática” de suas terras (principalmente através da parceria) e a reprodução de alimentos preponderava. Como um cultivo de exportação, o café alcançou o Estado de São Paulo após o esgotamento das terras no Rio de Janeiro e o declínio da atividade canavieira após a primeira metade do século XIX. Entretanto, não é em todo o Estado de São Paulo e principalmente na região de Piracicaba que o café alcança a mesma importância. Na região de Santa Bárbara — Americana desenvolve-se a cultura do algodão implantada por imigrantes americanos.

Substituída pelo café ou por outro cultivo, a cana-de-açúcar havia declinado graças, principalmente, à superioridade da demanda mundial pelo café, à diminuição nos custos de produção, exigência de menos mão-de-obra e superior lucratividade da cultura cafeeira.

Seguindo as transformações ocorridas no mundo a partir da Revolução Industrial, manter em pleno século XIX características de colônia não era satisfatório a nenhum país. Dessa forma, a cultura do café implantada no Estado de São Paulo fez reduzir o latifúndio e diminuir a inversão de capitais. Adaptando-se então às novas diretrizes econômicas estabelecidas para o país, o Estado de São Paulo assumiu completamente a produção do café, de maior aceitação no mercado europeu no momento.

Apesar de ocupar menos força de trabalho que a cana, a produção cafeeira em determinadas propriedades foi limitada pelo contingente de pessoal ocupado, pequeno, para o que exigiam os fazendeiros em suas culturas e, como o fluxo de escravos havia cessado, a saída encontrada era possibilitar a vinda de imigrantes para esse trabalho. Coube então às autoridades brasileiras a instalação e divulgação da política imigratória, cuja propaganda era calcada na doação de pequenos lotes aqueles que quisessem para cá se dirigir.

Colocando como “isca” para imigrantes o acesso à terra, estava implícito que a pequena propriedade funcionaria como “reservatório de braços” para garantir aos fazendeiros mão-de-obra para a colheita do café, além do que colocar o imigrante na frente pioneira paulista possibilitava a valorização das terras ainda não alcançadas. (Petroni, 1984).

O aumento no número de pequenas propriedades vai possibilitar uma diversificação maior nos produtos cultivados e determinadas áreas deixam de ser exclusivamente cafeeiras. No entanto, algumas conseguiram manter tradições agrícolas como o município de Piracicaba que, apesar de também ser ocupado pela cultura cafeeira, jamais deixou de ser produtor de cana-de-açúcar.

Esse processo de substituição da cultura cafeeira por outros cultivos ampliou-se no Estado de São Paulo. Segundo alguns autores, a crise de 1929 possuiu um efeito “democratizante” que acabou por erodir com o poder político e econômico dos cafeicultores e principalmente por provocar um novo processo de fragmentação dos latifúndios que não pode ser generalizado pois dependeu da idade do cafezal e de seu rendimento. (Stolcke, 1986). No entanto,

não se pode negar que a crise do café provocou uma transferência de recursos para culturas mais lucrativas.

Conforme a Figura 1, observa-se que as culturas alimentares voltadas ao mercado interno não sofreram grandes oscilações. Seu ritmo de desenvolvimento manteve-se quase que linear, como é o caso do feijão. Apesar do café ter se mostrado resistente após a crise de 1929, a década de 30 é marcada por uma maior substituição de culturas, que tem no açúcar e no algodão exemplos claros.

A expansão da cultura algodoeira em São Paulo é freqüentemente atribuída à transferência de recursos do café, aliada à fragmentação das fazendas cafeeiras. Este produto também sofreu queda de preço na bolsa de mercadorias em 1929, no entanto em menor escala. Já em 1932, o preço do algodão voltou a crescer e a indústria paulista aproveitando-se dessa elevação impulsionou a expansão deste cultivo em todo o Estado. A indústria têxtil, neste contexto de expansão, já constituía um bloco político resistente que, após a experiência do "desastre de 29" se orientava para alcançar um progresso distinto, mais longo e resistente à crises.

A Segunda Guerra Mundial veio provocar uma corrida para o aumento da produção e, "por meio dela os industriais foram de novo beneficiados pela redução implícita das importações de maquinário, e pelos incentivos às exportações, facilitadas pelo 'esforço de guerra' e pela desapareição da produção japonesa e alemã dos mercados internacionais." (Albuquerque, 1982: 139).

Ao lado do desenvolvimento da cultura algodoeira e da indústria têxtil paulista, surge neste cenário a sericicultura, atividade que consiste no cultivo da amoreira que serve para a alimentação do bicho-da-seda (*Bombyx mori*), produtor de casulos, matéria-prima para fiações e tecelagens de fios naturais.

A sericicultura no Brasil, começou a ser conhecida após o incentivo dado pelo Imperador D. Pedro II à Imperial Companhia Seropédica Fluminense, por volta de 1840. Posteriormente, em 1908, promulgou-se lei constituída de incentivos à sericicultura entre os quais estavam prêmios por produção dados a sericultores e prêmios às primeiras fábricas que empregassem na tecelagem fios de casulos nacionais. Apesar dos incentivos governamentais, só em 1912 cria-se a primeira Estação Sericícola de Barbacena, em Minas Gerais, que alcança significado abaixo do nível desejado.

Em 1924, tendo como objetivos a implantação e desenvolvimento da sericicultura, a Sociedade Anônima Indústrias de Sede Nacional de Campinas, Estado de São Paulo, foi criada recebendo como incentivos uma série de isenções fiscais, prêmios por produtividade além de um aparato legal que visava facilitar aos interessados (produtores) o ingresso na atividade.

Neste momento, é inegável a participação do Estado como um agente direcionador desta política. Se considerarmos que o país se recuperava de uma crise a qual provocou uma fragmentação parcial dos latifúndios e uma busca de cultivos mais rentáveis por parte dos produtores, a sericicultura era uma alternativa atraente. Nesse sentido, caberia ao Estado o apoio e a orientação necessários. Alguns políticos e técnicos da época defendiam a policultura como uma saída para a agricultura brasileira e, no Estado de São Paulo, a sericicultura deveria desenvolver-se junto a outros cultivos, principalmente o café, antes da

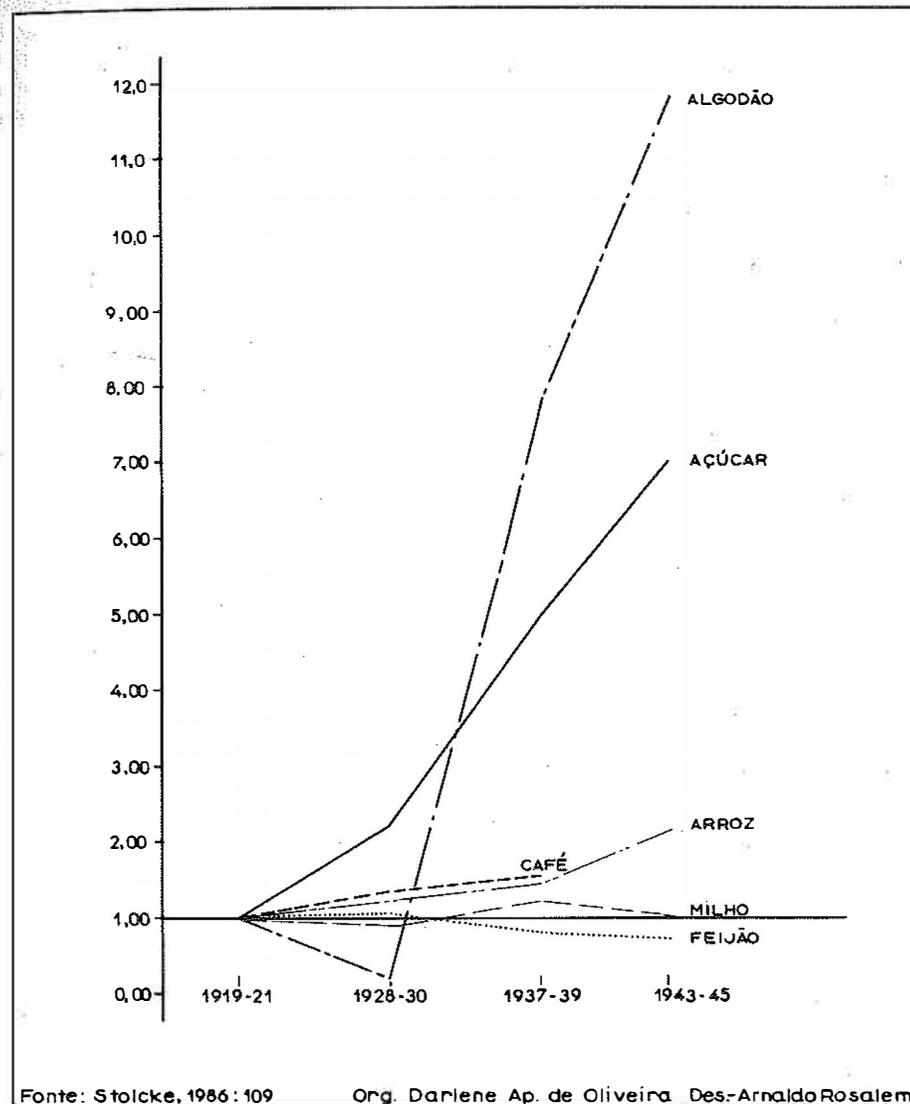


Figura 1 — Expansão de culturas selecionadas — São Paulo 1919-45  
Produção em toneladas

crise e, posteriormente em substituição a ele. A Tabela 1 demonstra como, desde 1924, após a criação da S. A. Indústria de Seda Nacional, a sericicultura alcançou grande desenvolvimento no Estado de São Paulo. Conforme estes mesmos técnicos, em um Estado em que a lavoura cafeeira era a atividade predominante, a sericicultura deveria se desenvolver como subsidiária do café.

Tabela 1

DESENVOLVIMENTO DA SERICICULTURA — SÃO PAULO

	1923-24	1924-25	1925-26	1926-27
Mudas distribuídas	67.180	313.980	486.876	1.010.747
Ovos dist. Grs.	12.847	36.661	59.523	106.000
Criadores existentes	781	2.458	3.877	5.850
Interessados existentes	2.000	6.520	9.557	13.500
Localidades	167	290	300	332
Casulos verdes Kls	8.824	26.613	63.313	135.000

Fonte: Gianoli, 1927.

Alguns benefícios eram ressaltados e dentre eles estavam:

— *fixação do braço agrícola, aumentando a receita do colono e permitindo ao fazendeiro a redução do custeio com mão-de-obra.* Assim, a preocupação com a instabilidade e a falta de colonos deixaria de existir, já que a sericicultura seria uma alternativa àquelas famílias que ficavam sem trabalho após a colheita do café. Os rendimentos auferidos alcançariam tal proporção que, segundo os divulgadores da atividade, o colono conseguiria formar pecúlio que lhe possibilitaria a compra de terras;

— *aumento e seleção de braços agrícolas.* A amoreira sendo uma cultura intensiva, que permitia o sustento de várias famílias em poucos alqueires, oferecia ao fazendeiro um aumento no número de braços. O trato do café ficaria ao encargo dos "braços mais fortes", enquanto que as mulheres, crianças e velhos se encarregariam da criação do bicho-da-seda. Quando da época da colheita do café, com a intensificação do trabalho, haveria o aproveitamento de todo o pessoal da fazenda, inclusive aqueles que estavam envolvidos com a sericicultura.

— *desvio dos inconvenientes da monocultura.* Ao fazendeiro que instalasse a sericicultura caberia uma reserva de renda, um recurso ao qual poderia recorrer a qualquer momento, compensando-o de eventuais prejuízos com o cultivo principal.

— *evita a plantação de cereais no cafezal.* O cultivo de produtos alimentares junto ao cafezal caracterizava o trabalho dos colonos nas fazendas cafeeiras. No entanto, essa prática provocava o empobrecimento do solo que deveria ser

utilizado somente para o café. Os cereais, em geral, exigiam grandes extensões de terra para propiciar um lucro mínimo.

Outras vantagens ainda eram apontadas para a incorporação da sericicultura nas fazendas de café. Entretanto, o importante é atentar para o fato de que todas estas vantagens tinham como finalidade primordial a obtenção de lucros cada vez maiores para o fazendeiro. Para tal, utilizava-se da ideologia camponesa de obtenção da renda a partir do trabalho familiar, que resultaria na realização do sonho de obtenção da própria terra.

Tanto neste momento, como no início da política imigratória, a prioridade era assegurar força de trabalho para o cultivo do café e possibilitar as maiores taxas de lucro com menor dispêndio de capital para o fazendeiro que utilizava o imigrante, primeiramente, para desbravar novas terras tornando-as livres para o café e posteriormente, tornar as terras desgastadas cultiváveis implantando outras atividades. São Paulo, neste sentido, tornou-se um ponto de atração, retratado pela propaganda imigratória como o grande "Eldorado". No início da década de 30 ainda chegavam ao país imigrantes e os técnicos da época propagandavam a sericicultura.

### 1. A SERICICULTURA EM CHARQUEADA

Apoiada e subvencionada pelo governo do Estado de São Paulo, a sericicultura desenvolveu-se rapidamente. As leis estaduais autorizavam a propaganda da atividade, assim como a criação de estabelecimentos e serviços que resultaram no referido desenvolvimento. Muitos municípios com Araraquara, Campinas, Sorocaba entre outros, criaram leis municipais que atendessem aos objetivos gerais da legislação federal e estadual.

Por volta de 1928, a comarca de Piracicaba (à qual pertencia Charqueada), promulgou a Lei n.º 186 que concedia a S. A. Indústrias de Seda Nacional favores como isenção de impostos e principalmente a concessão de terrenos para que a referida indústria instalasse uma estação sérica com plantação de amoreiras e criação de bicho-da-seda distribuindo, gratuitamente, sementes do sirgo e mudas de amoreira a quem se interessasse.

Além de todo aparato legal que subvencionava a sericicultura, na região de Charqueada as condições naturais também foram favoráveis para seu pleno desenvolvimento. Tanto em termos climáticos como edáficos Charqueada nunca ofereceu restrições que impedissem a prática sericícola.

A data de 1927 é a primeira referência que se encontra sobre a sericicultura em Charqueada, no trabalho de Costa (1973), no qual a autora cita a antiga vila como a maior produtora de casulos do Estado. Desde esta data até a atualidade a atividade sericícola em Charqueada desenvolveu-se em duas fases distintas, sendo que cada uma se estabeleceu através de momentos específicos compreendidos entre a instalação da atividade, seu desenvolvimento e apogeu e um momento de queda ou crise.

O desenvolvimento de cada fase deu-se de forma diferente. A primeira delas, que se inicia na década de 20, constitui-se em um empreendimento de

particulares no qual a comunidade, ou seja, os agricultores de Charqueada, se uniu e deu início à atividade. A segunda fase surge a partir de um empresário de outro município que incentiva e apoia a atividade possibilitando que, mais tarde, por não conseguir manter seu empreendimento, penetrasse no município o capital externo representado por uma empresa japonesa.

### 1.1 Primeira Fase: 1927 a 1950

Em 1928, o Sr. Francisco Dondelli inicia a criação do bicho-da-seda na pequena vila de Charqueada. Recebendo estacas de amoreira e ovos do bicho da S. A. Indústrias de Seda Nacional de Campinas, procurou mostrá-los à outras pessoas, agricultores ou não, e assim possibilitou um aumento no número de produtores na região.

Para manter o controle sobre toda a produção e estabelecer um contato mais direto com os produtores, a S. A. Indústrias de Seda Nacional estabelecia um local ou propriedade na qual haveria a distribuição dos ovos dos bichos e a entrega dos casulos. Além disto, foram criados por todo o Estado estações e postos sericícolas. Os bichos eram criados em pouca quantidade e em casa. Em geral a sericultura assumiu um papel de atividade secundária. Seus rendimentos complementavam a renda que o café já não produzia.

No início da década de 30, percebe-se que desde que a S. A. Indústrias de Seda Nacional de Campinas assumiu o trabalho de divulgação e fomento à sericultura as cifras, tanto de produtores como da produção de casulos, cresceram espantosamente em todo Estado (Tabela 2).

Tabela 2

#### DADOS GERAIS SOBRE OS ANOS SERICÍCOLAS DE 1923/24 E 1932/33

	1923/24	1932/33
Interessados pela sericultura	350	20.000
Fazendas interessadas	3	4.000
Amoreiras existentes	100.000	13.000.000
Prefeituras que concedem prêmios aos criadores	—	20
Criadores	381	6.400
Gramas de ovos distribuídas (mil)	12.847	cerca de 500.000
Quilogramas de casulos adquiridos (mil)	8.823	cerca de 600.000

Fonte: Cardoso, 1933: 52.

Em um período de aproximadamente uma década a indústria de Campinas conseguiu atingir taxas de crescimento que multiplicaram por vinte os números que existiam quando de seu aparecimento como centro organizador da sericultura paulista.

O município de Piracicaba, durante a década de 30, viu crescer sua produção de casulos (Figura 2). Observa-se que ocorreu aumento de produtividade do amoreiral, já que o número de pés de amoreira manteve-se quase que estável, enquanto a produção de casulos sofreu oscilação maior. Isto se deve certamente às novas espécies de amoreira introduzidas pelos técnicos da S. A. Indústrias de Seda Nacional, mais ricas em folhas e as novas técnicas de cultivo introduzidas por esta mesma indústria. Deve-se levar em consideração também que este período é marcado pela Segunda Guerra Mundial, que provocou uma dinamização da produção brasileira de casulos para exportação.

Todo esse entusiasmo que se sentia pela nova atividade fez surgir em Charqueada uma cooperativa (Cooperativa dos Sericultores de Charqueada), que reunia vários produtores do município. Tratava-se de um empreendimento local criado, em princípio, para que toda a produção de casulos escoasse mais rapidamente em direção a indústria fiadora.

Segundo produtores da época, em nenhum momento eles receberam o auxílio dos órgãos estaduais ou da prefeitura. O início na atividade era sempre realizado a partir de experiências de um produtor mais antigo. A visita de técnicos ou agrônomos nunca existiu. Os produtores auxiliavam-se mutuamente e, dentro deste espírito, foi criada a cooperativa, ou seja, para garantir o fortalecimento da atividade do grupo. Neste sentido, a autonomia lhes é garantida, já que a união do grupo possibilitou a criação não só de um ponto de entrega de casulos, mas também a montagem de uma fiação que os transformou em fornecedores de fios de seda à indústria de Campinas.

Se antes os casulos eram entregues para a indústria in natura, individualmente, com a instalação da cooperativa o envio da produção passa a ser feito coletivamente e, posteriormente, com a obtenção do maquinário para secagem dos casulos verdes, a produção é enviada já processada, garantindo-lhes uma margem de rendimentos maior.

A criação da cooperativa sem a intervenção estatal e a posterior montagem da fiação demonstra o grau de autonomia que possuíam para a realização da atividade. No entanto, é importante salientar que a distribuição dos ovos dos bichos se fazia através da S. A. Indústrias de Seda Nacional e, obrigatoriamente, os produtores deveriam vender sua produção ao mesmo fornecedor. Assim, se enquanto fornecedores eram livres para criar uma cooperativa e montar uma fiação, enquanto produtores estavam subordinados. Se a indústria limitasse ou cortasse o fornecimento de ovos, nada garantia a existência de uma cooperativa ou fiação autônomas. Por outro lado, sendo os produtores obrigados a fornecer os casulos à indústria e sendo esta responsável pela comercialização com o mercado externo, qualquer distúrbio no setor de comercialização afetava e comprometia a produção.

A característica principal desta fase é justamente a criação de um embrião de complexo industrial no qual o agricultor controlava grande parte do processo produtivo. Se, em algum momento, a S.A. Indústria de Seda Nacional não cumprisse com suas obrigações contratuais de absorver a produção, os produtores poderiam até pensar em um movimento contra esta indústria ou simplesmente não entregar-lhe a produção, assumindo todo prejuízo e comprometendo o desenvolvimento da atividade inclusive para a própria indústria.

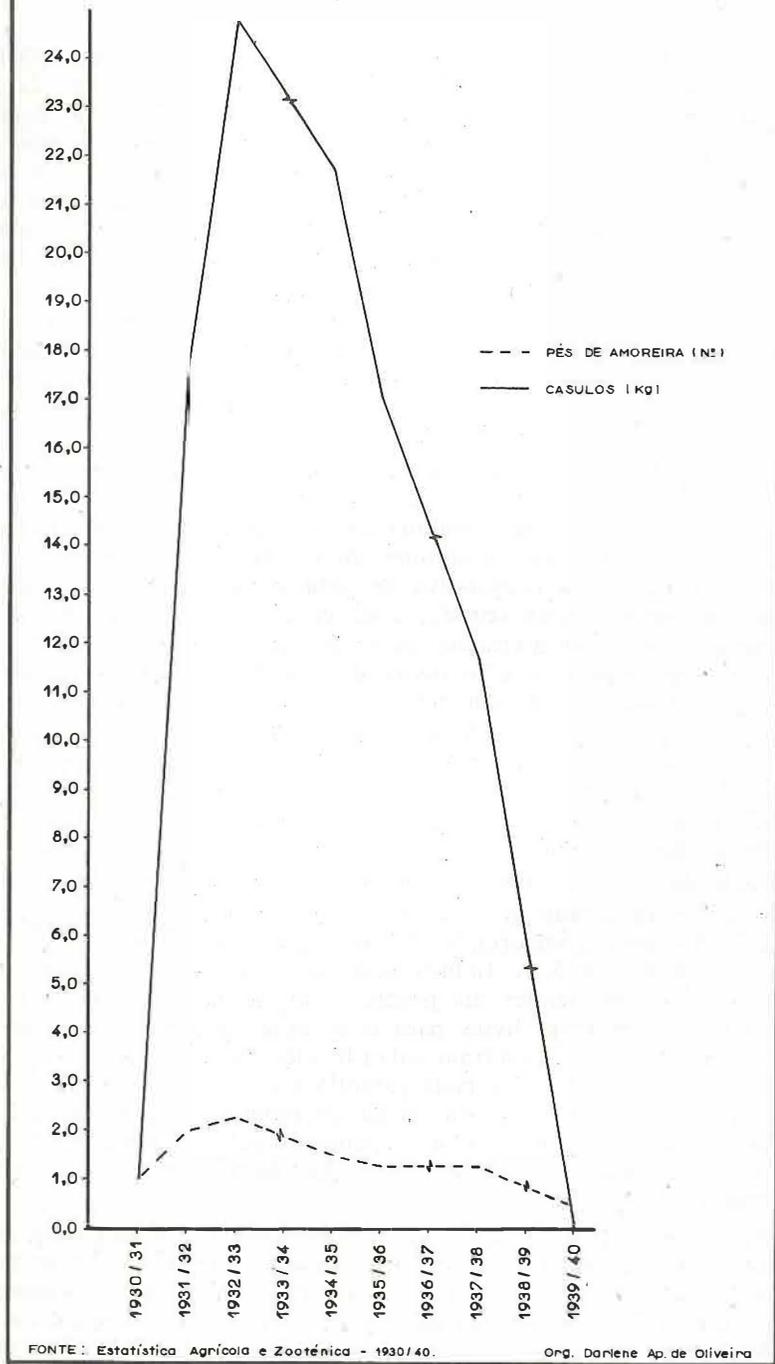


Figura 2 — Piracicaba — Número de pés de amoreira e produção de casulos — 1930/40

Procurando estabilizar a economia do país e principalmente do Estado de São Paulo muitos apregoavam que a policultura seria a saída para a crise. Neste sentido, a sericultura que não exige grandes áreas para ser praticada era encarada como uma atividade rendosa.

A sericultura em Charqueada era praticada juntamente com outras culturas. Apesar do café ter sido cultivado nesta área e ter exigido grandes propriedades, a porção oriental do município de Piracicaba, onde se localizava Charqueada, se desenvolveu através de pequenas propriedades. Estas pequenas propriedades em geral cultivavam algodão e ainda café e cana para o uso da propriedade produzindo açúcar, aguardente etc. Existia ainda a produção de alimentos em todas as propriedades.

A criação do bicho-da-seda do município alcançou índices de destaque. Em 1937, o município é citado como segundo maior produtor de casulos da região de Campinas que era a maior produtora do Estado (Figura 3).

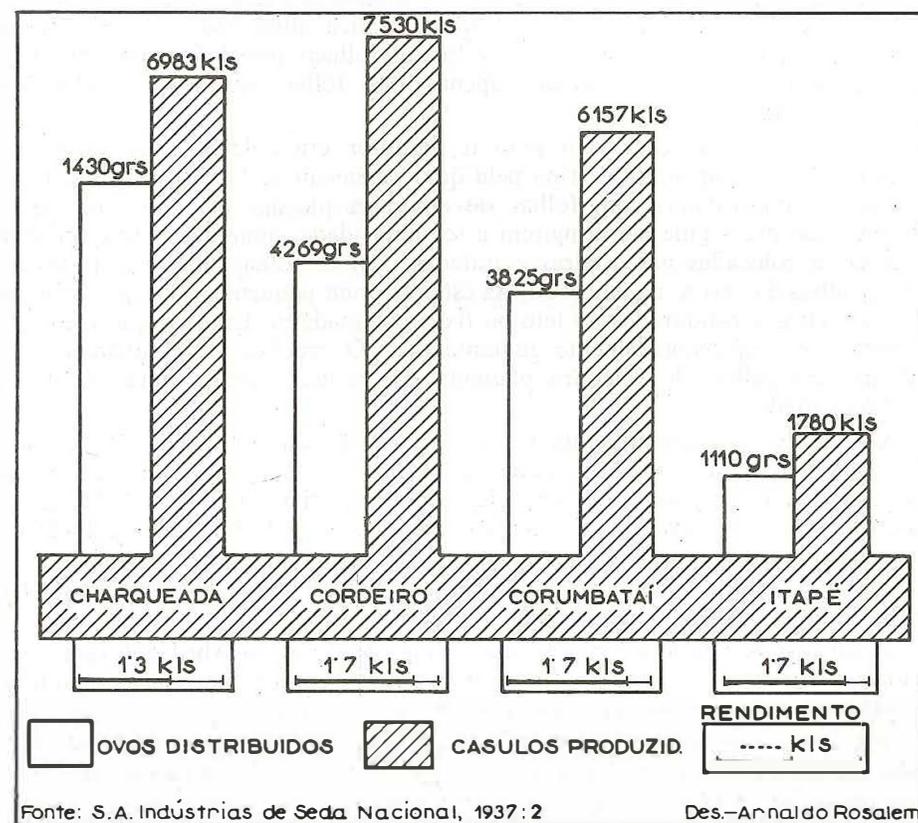


Figura 3 — OVOS DISTRIBUIDOS E CASULOS PRODUZIDOS

“Com a grande melhora da sanidade das larvas na criação primaveril o rendimento de casulos por gramma de óvulos também augmentou. Em logares como Cordeiro, Corumbatahy, Xarqueada e Itapé, não eram raros os casos de rendimento de 2 a 2 500 Kgs. nos últimos annos. Mas, a média alcançada na primeira criação primaveril de 1 700 Kgs., por gramma de óvulos é extraordinária.

(...) Nessas localidades trata-se geralmente de criadores experientes e com u'a média de mais ou menos 50 grs. de ovos por criação.” (S. A. Indústrias de Seda Nacional, 1937: 2)

Como se pode notar, nesta época a quantidade de ovos de bicho-da-seda criados (50 grs. em média) era diminuta em relação a atualidade (mais de 100 grs.). Em geral a quantidade de amoreira plantada era pequena, as vezes até em fundo de quintal. Não era prática, como atualmente, o cultivo da moreira em talhões diferentes, que possibilitam uma rotação entre eles, estando o agricultor com amoreira sempre disponível. Esta limitação quanto a quantidade de folhas se deve também a forma como se realizava a coleta destas folhas. Era característico da época não cortar os galhos, prática atual, mas coletar somente as folhas. A poda total da amoreira (galhos e folhas) possibilita uma brotação mais rápida em relação a coleta apenas das folhas que se estendia por 40 ou 50 dias.

Os ovos quando chegavam para o produtor era colocados em pequenas caixas recobertos por uma tela fina pela qual passavam as larvas após a eclosão. A seguir, eram tratadas com folhas de amoreira picadas em tiras finíssimas. Este processo prosseguia até atingirem a segunda idade, quando em um tamanho maior eram colocadas nas esteiras e tratadas com as folhas inteiras, apanhadas sem os galhos da árvore da amoreira. As esteiras eram pequenas, sobrepostas umas sobre as outras e penduradas no teto ou fixas por madeira. Uma criação completa se estendia por aproximadamente quarenta dias. O processo de casulamento era realizado em galhos de vassoura plantada em pequena escala para atender a esta necessidade.

Os casulos produzidos eram de três tipos. O casulo branco, chinês, raça pura, utilizado para procriação. Somente os produtores mais cuidadosos é que recebiam esta raça, pois eram mais delicados e exigiam maior cuidado, assim como o casulo ouro, amarelo. Existia ainda o casulo bijalo que era resultado do cruzamento entre a raça branca e a ouro. Este tipo de casulo produzia um fio de seda resistente e por este motivo sua demanda durante a Segunda Guerra Mundial foi muito grande.

A safra sericícola anual se estendia do mês de Agosto à Abril e durante este período os meses de Novembro a Março eram aqueles em que a produção mantinha um ritmo mais homogêneo por serem os meses mais quentes.

Em 1938 a produção sérica brasileira alcançou índices superiores à 660.000 quilos de casulos. Com a deflagração da Segunda Guerra Mundial em 1939, nossa produção e comercialização tomaram grande impulso. Outros países, embora não participando da guerra, solicitaram os fios brasileiros pois os produtores tradicionais encontravam-se envolvidos no conflito, afetando a indústria e o comércio desses países. Com o grande número de encomendas o Brasil transfor-

mou-se em fornecedor mundial, exportando apreciáveis quantidades de fios de seda. Inicia-se um período de incremento à sericultura, de franco desenvolvimento industrial que teve larga repercussão no comércio exterior. Os dados da Tabela 3 ilustram este fato.

Tabela 3

PRODUÇÃO DE SEDA NO ESTADO DE SÃO PAULO — 1940/51

Anos <i>Sericícolas</i>	Gramas de ovos <i>distribuídos</i>	Casulos <i>produzidos (kls)</i>
1940/41	349.209	721.544
1941/42	726.261	1.502.000
1942/43	1.520.447	1.835.310
1943/44	1.851.921	3.576.000
1944/45	3.827.629,5	4.428.000
1945/46	4.018.346,5	6.144.000
1946/47	2.663.633,5	3.757.000
1947/48	397.327,5	1.152.374
1948/49	313.851	464.764
1949/50	381.189	625.114
1950/51	729.111	1.500.000

Fonte: Serviço de Sericultura, 1952: 17 e 1953: 14.

De 1941 à 1946 observa-se aumento considerável da produção brasileira, que passou dos 70.000 quilos de fios para 751.000 quilos, cuja maior parte era exportada para os países em guerra.

Charqueada, fazendo parte do setor de produção sérica do país, atendeu a demanda passando a ter mais de 20 produtores somente no município. Segundo os produtores este é o período de maior desenvolvimento da atividade, pois se produzia em grande quantidade com mercado garantido. A cooperativa funcionava como setor de investimentos. O produtor entregava sua produção e não retirava todo o pagamento que lhe caberia mantendo uma reserva de capital junto à cooperativa, retirado na medida das necessidades. Para muitos, a sericultura foi a atividade que possibilitou capitalização, compra de propriedades e até mesmo garantiu o estudo de muitas crianças e jovens em colégios particulares em Piracicaba e São Paulo.

Com o final da guerra, na cooperativa existia grande quantidade de casulos e fios armazenados e que não seriam mais comercializados. A perda alcançou valores elevados e muitos produtores, para saldar dívidas assumidas, venderam propriedades e bens que possuíam e se mudaram de Charqueada.

Terminada a guerra França, Itália, Japão, Rússia e outros países tradicionalmente sericultores reorganizaram suas atividades, preparando-se para reconquistar o mercado temporariamente perdido. Após curto período estavam suas amoreiras replantadas, sirgarias reconstruídas, fiações e tecelagens funcionando

novamente. Os fios italianos e japoneses, além de serem vendidos a preços mais baixos, gozavam do alto conceito de serem os melhores. Dessa forma, os asiáticos (principalmente) apoderaram-se de todo mercado.

Em Charqueada a saída encontrada por aqueles que possuíam uma propriedade foi passar a cultivar cana-de-açúcar, que alcança desenvolvimento a partir de 1945, quando da instalação da Usina São Francisco do Quilombo de açúcar e álcool. Essa usina, iniciando a produção, ampliou suas instalações rapidamente, comprando outras fazendas próximas e começou a aceitar cana dos sítiantes vizinhos que passaram ser seus fornecedores.

Restaram no município oito produtores de casulos que produziam para a Indústria Matarazzo e para a Seda Pura — marca oficial brasileira da seda pura representada pelo Serviço de Sericicultura de Campinas, ligado à Secretaria da Agricultura do Estado — pois a S. A. Indústrias de Seda Nacional desativou-se com a crise. Este Serviço de Sericicultura fornecia, através da venda a quem se interessasse, ovos do bicho-da-seda, permitindo que o produtor vendesse os casulos a quem lhe oferecesse o melhor preço. Este é o período em que o produtor sericícola alcança maior autonomia, mas é neste momento também que o mercado se encontra desfavorável e assim as produções são muito pequenas.

Novamente coube ao Estado a dinamização do setor sericícola brasileiro. Houve um deslocamento da área produtora paulista que passou a predominar na região de Bauru, Gália e Bastos. Esta área, na qual desde o início da atividade sericícola em São Paulo predominavam os japoneses, passa a ser organizada pela filiação japonesa Bratac.

## 1.2 Segunda Fase: 1950 a 1980

Após a derrocada da sericicultura paulista em meados da década de 40, a década seguinte é marcada por um período de estagnação. O crescimento da produção que se observa não é decorrente do aumento do número de produtores, mas do aumento do número de criações por safra. Esta mudança se deve ao trabalho de orientação técnica realizado pelo Serviço de Sericicultura que promoveu uma restauração nos amoreirais paulistas, com plantas de variedade mais produtivas e a distribuição de sirgos mais resistentes e produtivos.

Com relação à produção de casulos não se observam grandes alterações até o início da década de 60, quando alcança níveis de produção pouco mais elevados, decaindo novamente em 1962 a 1964 atingindo, a partir de então, um ritmo de crescimento mais contínuo.

A atividade sericícola em Charqueada por volta de fins da década de 60 retomava suas características e se tornava novamente a principal fonte de renda para muitos agricultores do município. Essa retomada, apesar de ser mais flagrante neste período, já vinha sendo construída desde fins da década de 40.

Além da produção de cana-de-açúcar e produtos alimentares que caracterizava as propriedades do município, restaram cerca de oito produtores de casulos da primeira fase da atividade. Estes produtores aproveitaram-se da infra-estrutura que havia para a realização da atividade como a sirgaria e a própria amoreira e também a mão-de-obra provavelmente ociosa, e complementavam sua

renda fornecendo casulos para a Indústria de Seda Natural Matarazzo, sediada em Campinas. O Sr. Ettore Rivaben, funcionário desta indústria, sabendo destes produtores e de que o governo federal estava doando máquinas de fiar a quem se interessasse, pleiteou e conseguiu as referidas máquinas e se instalou em Charqueada.

A dificuldade de obtenção de casulos para pôr em funcionamento suas máquinas era grande; “pois o vínculo existente entre a indústria e o criador determinava a entrega dos casulos para a mesma indústria da qual recebeu os ovos para a criação.” (Oliveira e Camargo, 1985: 24). A única forma de fazer suas máquinas funcionarem era criando um laço de amizade com os criadores da Indústria Matarazzo, de forma que eles lhe cedessem parte de sua produção, desviando-a da entrega ao fornecedor de ovos. Esta situação perdurou até a criação do Instituto de Produção de Ovos ligado ao Serviço de Sericicultura em Campinas.

À medida que crescia o número de produtores, não só em Charqueada mas também na região, a pequena filiação também expandia o número de máquinas fiadoras e como o contingente de mão-de-obra feminina do município não supria as necessidades existentes, o industrial inicia a mobilização de mão-de-obra do município de Ipeúna, para sua indústria.

Se num primeiro momento, o desenvolvimento da sericicultura em Charqueada deveu-se a um impulso da própria comunidade, agora o impulso é dado por um personagem de fora. A implantação de um pólo industrial têxtil é novamente objetivado. Neste sentido, o setor agrícola deverá corresponder, já que será ele o responsável pelo suprimento de matéria-prima para a indústria em questão. Conjuntamente, agricultor e indústria comporão um complexo agro-industrial, que garantirá ao agricultor um comprador para sua produção e à indústria a movimentação de suas máquinas.

Como os incentivos ao desenvolvimento da atividade não corresponderam ao esperado, há um deslocamento de apoio à produção agrícola para o município de Gália, no qual o empresário adquire outra filiação onde passa a trabalhar tornando-se Charqueada um centro de produção de casulos secundário. Somente em meados da década de 60 é que Charqueada sofre mudanças extremas em seu espaço agrário, retomando gradativamente sua posição de fornecedora de casulos da indústria Rivaben, graças à uma crise da atividade canavieira.

Em Charqueada, “como as usinas açucareiras da região enfrentavam dificuldades no pagamento de seus fornecedores, levaram muitos deles à plantação de amoreiras e criação do bicho-da-seda ou somente a fornecerem ramas de amoreira à fábrica de fios de Charqueada, que se incumbia de distribuí-las aos criadores que necessitassem.” (Oliveira e Camargo, 1985: 28).

Assim como a crise do café em 1929 ou a derrocada da sericicultura posteriormente, os produtores dependentes do capital mercantil não conseguiram superar as dificuldades ou se conseguiram deixaram a atividade sericícola e buscaram outra mais lucrativa. Este fato se deve ao próprio movimento da economia no qual, enquanto uma atividade regride economicamente outra cresce, tornando-se dominante.

Com o retorno à sericicultura, o capital concentra-se nesta atividade apropriando-se da terra e da mão-de-obra. Assim, aqueles que não eram proprietários trabalhavam na atividade em parceria, naquelas propriedades em que a mão-de-obra familiar não era suficiente para o total de terra disponível. Essa concentração do capital, neste momento, se dá através de maior distribuição espacial, ou seja, a atividade sericícola, agora, distribui-se por uma área mais extensa. A produção de casulos não restringe-se apenas ao município de Charqueada, mas outros municípios passam a ser produtores também, assim como muitas pessoas vem para Charqueada trabalhar na sericicultura. Neste sentido, o capital canavieiro se vê comprometido com as oscilações do mercado e propicia a organização do espaço agrário charqueadense através da sericicultura.

Neste período, dois aspectos devem ser destacados. O primeiro é que cresce, no município, a figura do empresário capitalista, representada pelo proprietário da fiação Rivaben. O segundo diz respeito aos produtores que, estando em meio a uma crise, reagem a ela mudando de atividade, sendo a adaptação à sericicultura uma estratégia de mudança que pode lhes garantir sua reprodução.

O empresário capitalista foi o agente das mudanças. Aproveitando-se da crise na atividade canavieira, procura estimular os produtores a deixarem essa atividade e a criarem bichos-da-seda. Destes produtores, apenas pequena parcela passou pela primeira crise da sericicultura. A maioria constituiu-se de produtores novos que se tornaram sericultores por incentivo da fiação Rivaben. O vínculo empresário — produtor era tipicamente amigável. Era esse laço de amizade que garantia segurança aos produtores e que permitia a ampliação da atividade. Por volta de 1962, a própria fiação adquire uma propriedade no município, na qual constrói várias sirgarias, além de algumas casas, que serviam de residência às famílias que vinham de outros municípios (Brotas, Ipeúna, Piracicaba) trabalhar em parceira.

Em 1962, o município de Charqueada possuía 0,28% de sua área ocupada com amoreira (Visacchero, 1985). Em 1964, este total elevou-se para 29%. Isto equivalia, aproximadamente, a 539.000 pés de amoreira que estavam distribuídos em 13 sirgarias. (Serviço de Sericicultura — Estatística 1955/56 a 1967/68). No final da década de 60, 1969, 49% da área cultivada do município estava ocupada por amoreiras, que perfaziam 1.052.080 de pés, distribuídos em 15 sirgarias onde trabalhavam aproximadamente 65 pessoas. (Seção de Sericicultura — Campinas, 1971).

A década de 70 é o marco de desenvolvimento maior da atividade, e é neste período que Charqueada torna-se a "Capital da Seda". Deslocavam-se para o município famílias inteiras que tornavam-se parceiras nas propriedades sericícolas e enquanto o pai trabalhava na produção de casulos, as filhas eram admitidas na fiação. Charqueada novamente destacava-se como área produtora de casulos do Estado de São Paulo e era freqüentemente citada em trabalhos sobre o assunto.

Em 1974 existiam em Charqueada aproximadamente duzentos ranchos de criação, não indicando contudo, o mesmo número de propriedades. Era comum na mesma propriedade a existência de, no mínimo, três ranchos. A concentração dos produtores se dava junto a estrada de ligação entre Charqueada e Piracicaba,

existindo ainda ranchos na direção de São Pedro e Rio Claro. A fiação possuía fornecedores em outras localidades que muitas vezes alcançavam distâncias de mais de duzentos quilômetros.

Os municípios de Charqueada e Gália responsabilizavam-se por 45 e 52%, respectivamente, do total de casulos fiados pela indústria Rivaben. Existiam ainda outros municípios fornecedores, próximos à Charqueada como: São Pedro, Águas de São Pedro e Ipeúna. Estes mesmos municípios, no ano seguinte, aumentaram sua participação relativa ficando ainda Charqueada responsável por 85% do total de casulos fornecidos. O crescimento alcançado pela fiação Rivaben, sem dúvida, refletiu no número de fornecedores que crescia. Ocorria então, uma maior distribuição espacial destes fornecedores com a participação de novos municípios no âmbito de dominação da fiação.

Em 1970 as vendas revertiam cerca de 80% para o exterior, ficando em São Paulo apenas 19%. Para 1971, as cifras quase que se mantiveram as mesmas, nas quais 87% da produção de fios de seda foi vendida para o exterior e 13% no Estado. Posteriormente, em 1975 e 1976 as vendas para São Paulo cresceram alcançando cifras de 34 e 37% respectivamente (Figura 4). A dependência comercial da fiação Rivaben ao mercado externo, principalmente japonês, sempre foi representativa. As exigências pela boa qualidade dos fios de seda eram constantes e colocavam-se como fator de interferência para a continuidade das negociações.

Por volta de 1975, a Indústria de Seda Rivaben, atendendo as exigências do mercado japonês, efetuou troca de suas máquinas italianas por japonesas. Esse maquinário de funcionamento automático realizava sozinho algumas fases do processo de fiação (antes manuais) resultando num fio de melhor qualidade. Este processo de modernização pelo qual passou a fiação Rivaben, não pode ser desvinculado de um processo de modernização maior que ocorria em todo país, representado pela constituição do Complexo Agroindustrial Brasileiro.

Em Charqueada, observa-se uma transformação maior na fiação que, por exigência de melhor qualidade por parte de seus compradores, modernizou seu maquinário. No entanto, quanto aos agricultores, nenhuma transformação no processo de produção foi exigido, mesmo porque a produção de casulos não envolve grande aplicação de tecnologia que possa provocar mudanças drásticas em sua execução.

A crise do petróleo em meados da década de 70 traz sérios problemas à Indústria de Seda Rivaben. De início ocorre uma queda na comercialização externa de fios ocorrendo, posteriormente, a exigência japonesa do tecido já pronto, e para tanto a fiação é obrigada a instalar também um setor de tece-lagem, além do que ocorre um enfraquecimento das larvas provocado pelo desgaste das matrizes dos sirgos. Dessa forma, com os bichos enfraquecidos, muitas produções foram perdidas. De início a perda foi ressarcida pela fiação mas, com a constância do fato, a indústria não pôde mais efetuar as indenizações e iniciou-se um período de crise.

Em 1978, instalada essa má situação no município, a Fiação de Seda Bratac S. A., sediada em Bastos, procurou os produtores de Charqueada e lhes propôs

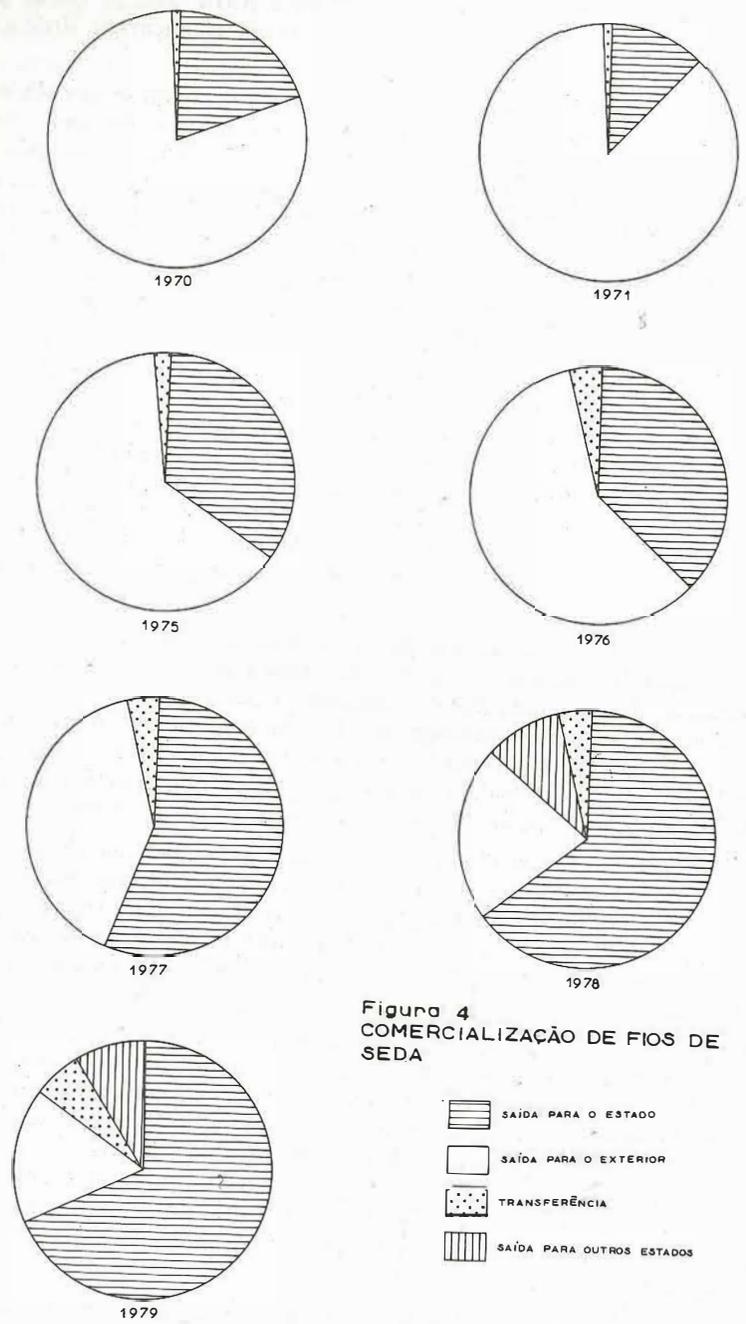
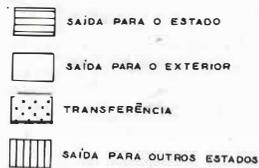


Figura 4  
COMERCIALIZAÇÃO DE FIOS DE SEDA



negociação, que se manteria com as mesmas características da Rivaben, havendo assistência periódica e pagamento no momento da entrega dos casulos. A adesão por parte dos sericicultores charqueadenses não foi total pois, muitos, em razão de amizade e gratidão à fiação Rivaben, ainda se mantiveram como seus fornecedores.

A fiação Rivaben canaliza todos seus investimentos para outra área, transferindo a fiação para Maringá, no Estado do Paraná, aproveitando-se de um impulso da sericicultura neste Estado, para posteriormente vender, nesta mesma área, todo maquinário fiador.

Em virtude da crise, os produtores charqueadenses obrigaram-se a encontrar novas estratégias para superá-la. Assim, aqueles produtores mais capitalizados, proprietários de terra, aderiram totalmente à cana-de-açúcar que neste momento recebe grande impulso no Estado de São Paulo, com as novas políticas do I.A.A. (Instituto do Açúcar e do Alcool). Outros praticam as duas atividades, arrendando terras para o plantio de cana, há ainda aqueles que só produzem casulos para a Bratac.

As relações com a nova fiação acabam se transformando. Os sericicultores passam a receber larvas na segunda idade e não mais os ovos. A entrega dos casulos passa a ser efetuada pelo próprio sericicultor em um posto de comercialização localizado em uma das propriedades sericícolas. Desaparece totalmente a relação de amizade, surgindo em seu lugar uma relação puramente mercantil. Para alguns sericicultores, quando indagados do porque de terem deixado a sericicultura, o motivo foi a decadência da fiação Rivaben, já que antigamente produziam para o "amigo" Êttore Rivaben, enquanto agora passariam a produzir para uma indústria distante, que não lhes daria segurança alguma estando longe.

## II — ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO

### 1. A Terra e o Processo Produtivo

Para o produtor familiar, médio ou pequeno, a terra é o elemento central que garante sua produção. Nesta relação, os médios produtores, apesar de ainda empregarem o trabalho familiar, eventualmente exploram também o trabalho assalariado havendo a substituição parcial da terra e do trabalho pelo capital. Já o pequeno produtor familiar, descapitalizado, relaciona-se com a terra de forma diferenciada, na qual pela escassês do capital, terra e trabalho são explorados intensamente.

A atividade sericícola em Charqueada tem como característica principal esta exploração intensa da terra e do trabalho. Em geral, as propriedades sericícolas não ultrapassam os cinquenta hectares de área, tendo como atividade predominante a sericicultura e cultivos complementares como a produção de alimentos e cana-de-açúcar.

## 1.1 Estrutura Agrária

Para 1967, os cadastros do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) registravam para Charqueada 394 imóveis rurais, dos quais 94,42% possuíam áreas inferiores a 100 hectares. Os 5,48% restantes ocupavam 8.970,8 hectares de área do total de 17.362 hectares existentes no município. Das 448 propriedades registradas para 1985, 4,42% (18) delas eram propriedades sericícolas, reduzidas em 1988 para 13, situadas junto a rodovia de ligação entre Charqueada e Piracicaba. O tamanho destas propriedades não ultrapassava os 50 hectares. (Tabela 4).

Tabela 4

### CLASSES DE DIMENSÕES DAS PROPRIEDADES SERICÍCOLAS DE CHARQUEADA — 1985

Classes (ha)	Número de propriedades *
— 05	2
05 — 10	3
10 — 20	3
20 — 30	3
30 — 50	6

Fonte: Oliveira e Camargo, 1985: 52.

\* Constam da tabela apenas 17 propriedades, pois um dos informantes (parceiro) não soube especificar o tamanho da propriedade.

Estas propriedades em sua maior parte (42%) foram adquiridas por herança, o que pode em parte justificar a existência da sericicultura como atividade dominante, não significando contudo que estes produtores tenham participado da primeira fase de desenvolvimento da atividade no município. Alguns destes proprietários são filhos de sericultores que iniciaram na atividade com o empresário da fiação Rivaben e que atualmente passaram a administração da propriedade para os filhos auxiliando os mesmos nos momentos de maior trabalho.

A compra da propriedade foi efetuada por 31% dos proprietários e, ainda, 26% destes restantes recebeu parte da mesma por herança e posteriormente comprou, em geral de irmãos, a outra parte.

O uso da terra é definido no município tanto pela valorização direta como pela indireta. A valorização direta caracteriza grande parte das propriedades sericícolas, nas quais os proprietários e família participam de todo o processo produtivo.

Algumas propriedades sericícolas, por possuírem área disponível tem a cana-de-açúcar como uma fonte de renda complementar. Em geral são pequenas

extensões cultivadas pela própria família na entressafra da sericicultura ou por um proprietário do município (ex-sericultor) que é tido como um grande arrendatário para o cultivo da cana. Do total das 13 propriedades sericícolas, 10 são exploradas diretamente pelo proprietário e família (53,84%); 23,07% corresponde a exploração de parceiros e os outros 23,07%, a exploração de proprietários e arrendatários.

Os casos de parceria, reduzidos de cinco (1985) para três (1988) tem como formas de pagamento:

a) 15% pagos ao proprietário, tanto pela produção de casulos quanto pelo cultivo de alimentos também realizado em parceria;

b) terça-parte efetuada de duas maneiras distintas. No primeiro caso, o parceiro paga ao proprietário apenas uma parte da produção, ficando com duas partes já que é ele quem se responsabiliza por todas as despesas e serviços. No segundo caso, o parceiro paga duas partes, responsabilizando-se apenas pela colheita das folhas e criação dos bichos, ficando adubo, cal e limpeza do rancho, sob a responsabilidade do proprietário;

c) meação, na qual rendimentos e despesas são partidos igualmente entre parceiro e proprietário.

Dos casos de parceria na sericicultura em Charqueada, dois são exemplos da exploração complementar. O primeiro deles corresponde a um produtor de cana, proprietário de uma das maiores propriedades do município, que sempre manteve sericultores em parceria sem nunca deixar de ser produtor de cana. Hoje em dia, este parceiro não pratica mais a sericicultura pois toda a propriedade está ocupada com cana-de-açúcar. A dominação da atividade maior provocou o desaparecimento da menor e a solidariedade, característica neste caso, foi extinta. O parceiro que era mantido na propriedade por causa de laços de parentesco com o proprietário perde este direito.

A propriedade da terra e não só o direito de posse e uso tem para o pequeno produtor familiar um papel determinante, pois, tem um significado de autonomia. É ele na condição de proprietário que tomará as decisões e, acima de tudo, é a propriedade da terra que lhe dará maiores garantias de continuar se reproduzindo enquanto produtor familiar.

Outro exemplo de parceria sericícola ao lado de explorações maiores, é o do Sr. Cesário Verdi. Este proprietário tinha como produtos cultivados o feijão e o milho, sendo recente o cultivo da cana. Como a sericicultura se desenvolveu por todo o município na década de 70, construiu em sua propriedade vários ranchos e contratou parceiros para cuidar deles, aproveitando-se do impulso que recebia a atividade. Destes, restaram em tempos mais recentes dois, um dos quais é o maior produtor de casulos do município e ainda hoje seu parceiro. O outro, por falta de mão-de-obra deixou a atividade, pois a força de trabalho da família reduzira-se à sua própria e à da esposa, ambos em idade avançada, que cuidavam sozinhos da criação dos bichos.

O uso do solo do município de Charqueada, à primeira vista indica a predominância da atividade canavieira e da sericicultura, visualmente as mais expres-

sivas. Em 1985, a cana-de-açúcar ainda era um dos cultivos predominantes no município e as propriedades sericícolas utilizavam as terras disponíveis para diferentes cultivos. Observa-se nestas propriedades o predomínio de lavouras temporárias, representadas por cultivos de arroz e cana-de-açúcar, aparecendo ainda em menor proporção os cultivos de feijão, milho e mandioca. A lavoura permanente é representada pelo cultivo da amoreira que, juntamente com a cana, são os únicos produtos destinados à venda. (Figura 6).

A amoreira é considerada um cultivo permanente. Após o plantio, sua permanência no solo pode atingir mais de vinte anos, como é o caso de algumas propriedades em Charqueada. Neste sentido, a área ocupada com amoreira nunca sofre rotação.

Os outros cultivos são periodicamente substituídos. A cana-de-açúcar, por exemplo, é cultivada em um mesmo local no máximo cinco anos, a seguir é substituída por cereais, sendo que um mesmo cereal nunca é cultivado duas vezes seguidas no mesmo local. Há também uma rotação de cereais durante aproximadamente quatro ou cinco anos. Terminada a colheita, novo cereal é plantado.

Em nenhuma das propriedades sericícolas encontrou-se áreas em pousio por longos períodos. A utilização da terra é constante, já que a área disponível é muito pequena. O cereal mais cultivado nestas propriedades é o arroz, que aparece como cultivo em todas elas e é destinado ao consumo da família. O milho também é comum, sendo destinado a criação de animais (bovinos e suínos) e aves.

A produção que alcança maior volume em relação a todos estes cultivos é sem dúvida a criação do bicho-de-seda. Embora exija cuidados especiais e apesar da amoreira não ocupar grandes áreas é o cultivo de maior valor monetário nas propriedades sericícolas, pois é quem possibilita o pleno desenvolvimento da atividade.

### 1.2 A Produção de Casulos

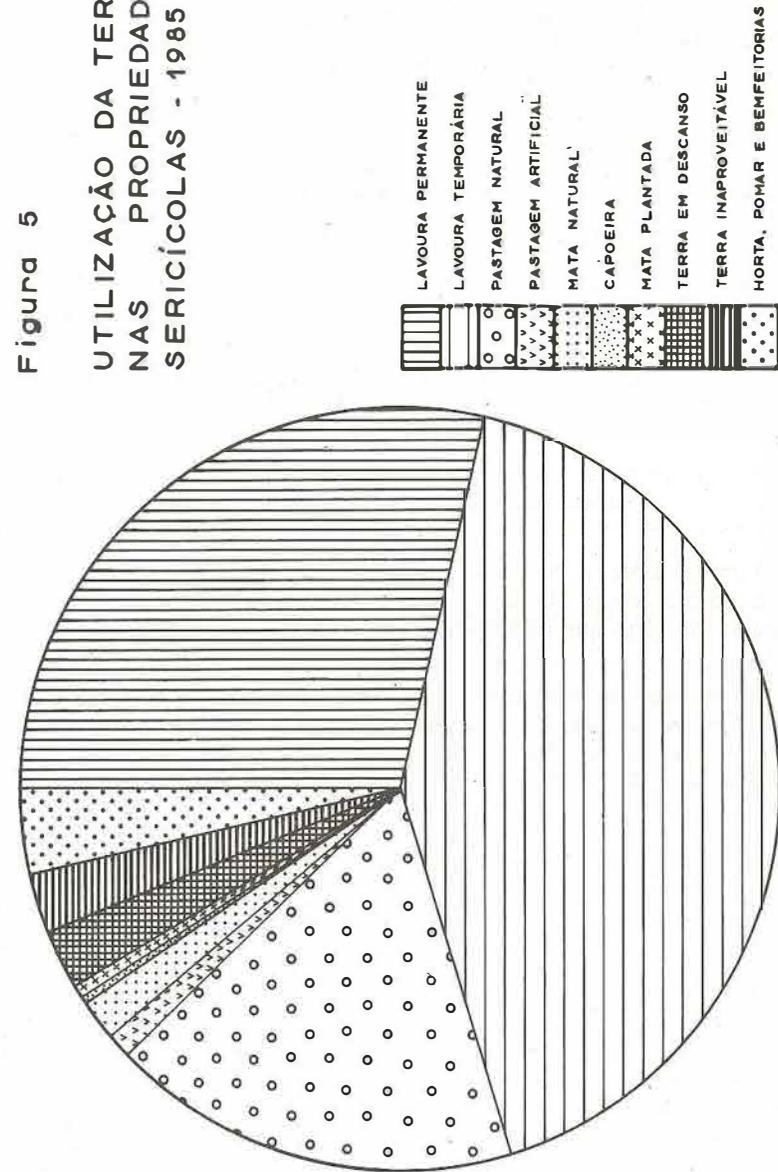
A produção de casulos tem três características. A primeira diz respeito à sua finalidade, ou seja, produzir casulos significa produzir uma mercadoria. Significa estar vinculado ao mercado através da agroindústria têxtil. Em segundo lugar, produzir casulos implica em muito trabalho. Trata-se de uma atividade que exige dedicação — havendo amoreira disponível, o sericultor trabalha durante um semestre ininterrupto. E, finalmente, por ser uma atividade que se limita espacialmente, já que amoreira e sargaria devem estar próximas, as pequenas propriedades são as mais indicadas e o trabalho familiar o mais comum.

#### 1.2.1 A Cultura da Amoreira

No município de Charqueada a área ocupada com amoreira até 1985 atingia 65,52 hectares. Com o desaparecimento de alguns produtores a amoreira, passados três anos, ocupa 50,4 hectares. A distribuição desta cultura pelas propriedades não é uniforme e um dos fatores apontados pelos sericultores para tal diversidade é a não propriedade da terra, além da falta de capital para ampliação do cultivo.

Figura 5

### UTILIZAÇÃO DA TERRA NAS PROPRIEDADES SERICÍCOLAS - 1985



A área ocupada com amoreira nas propriedades sericícolas varia de menos de um hectare até aproximadamente oito hectares. O número de pés de amoreira existentes é difícil de ser especificado, mas um hectare de terra pode conter 3.330 estacas de amoreira em média, sendo que estas são plantadas em fileiras com 1,50 m de distância entre uma fila e outra e 0,50 m de distância entre uma planta e outra. (Oliveira e Camargo, 1985).

A reprodução da amoreira por sementes é pouco recomendada. O desenvolvimento da planta por este sistema é lento e provoca queda na produção de folhas. A reprodução por estacas é o sistema mais rápido e econômico. Em geral estacas, sementes e mudas de amoreira são fornecidas pela Secretaria da Agricultura. A vantagem no uso das estacas é que o próprio sericicultor poderá obtê-las em sua propriedade, escolhendo plantas de boa qualidade.

Existem diferentes variedades de amoreira. A amoreira negra (*Morus Nigra*) é inferior à branca no que diz respeito à alimentação dos bichos-da-seda, resultando em tamanho inferior do casulo, além de serem fracos e com pouca riqueza de seda. Sua utilização fica mais restrita ao consumo humano do fruto. Já a amoreira branca (*Morus Alba*), é a variedade mais cultivada, pois resulta em casulos ricos em seda mais fina. (Corradello, 1987).

Os produtos intercalares à amoreira não são comuns em Charqueada. Segundo os produtores, esta prática só é possível quando da planta ainda pequena, já que, atingida determinada altura, a amoreira provoca o sufocamento de outro cultivo.

A estimativa sobre a produção de folhas de uma amoreira, deve levar em consideração fatores como clima, terreno, sistema e variedade de cultura, tratos, idade e estado sanitário que influenciarão diretamente no aumento ou diminuição da produção.

O ciclo de vida de uma amoreira é longo e pode atingir, segundo alguns agrônomos, um século. Em Charqueada a amoreira utilizada não ultrapassa os vinte anos de plantio. Segundo estes mesmos agrônomos, para cada grama de larvas a ser criada são necessários aproximadamente quarenta e cinco quilos de folhas em cada criação.

A colheita das folhas é realizada por todos os membros da família e, quando realizada pela manhã, deve ser efetuada após o desaparecimento do orvalho e antes que o sol aqueça excessivamente as folhas. À tarde, as folhas devem ser colhidas após às 16:30 horas e deverão corresponder à primeira alimentação da manhã seguinte. A colheita para a alimentação das larvas durante todo o dia é realizada uma única vez e as folhas são então armazenadas em um depósito junto a sirgaria, cujo piso de tijolos permitirá a absorção da umidade das folhas.

As sirgarias (ranchos de criação) são os locais nos quais se efetua a criação das larvas do bicho-da-seda. É comum encontrar-se nas propriedades sericícolas e mesmo naquelas que abandonaram a criação, mais de uma sirgaria.

Como era comum a parceria na sericultura, na década de 70 em Charqueada, na maior parte das propriedades existiam várias sirgarias que eram cedidas a parceiros. Muitas destas propriedades, apesar de terem abolido a seri-

cultura, ainda mantém as sirgarias intactas ou apenas a sua estrutura sem o revestimento de sapé peculiar, utilizando-as como depósitos de cereais ou para guardar carros, tratores e implementos agrícolas.

As sirgarias conjugadas aos depósitos de ramos e folhas estão sempre localizadas no centro do amoreiral facilitando assim a colheita e armazenamento das folhas. Seu tamanho é variável entre oitenta metros por dez metros e quarenta metros por sete metros e são construídos em sapé. São comuns ainda janelas nas paredes laterais dos ranchos mantidas abertas ou fechadas de acordo com a necessidade de ventilação.

No interior das sirgarias encontram-se as esteiras ou camas de criação nas quais as larvas são alimentadas. Os ranchos possuem sempre quatro esteiras, montadas em madeira e tela de arame a aproximadamente trinta ou quarenta centímetros do piso, nas laterais das sirgarias permitindo a circulação pelo centro e pelas laterais das mesmas. Em suspenso, no teto, devem ficar os bosques a serem rebaixados quando as larvas atingirem a fase de casulamento.

A capacidade de criação destas sirgarias é muito variável. Nem sempre o sericicultor cria o total de larvas para o qual seu rancho tem capacidade. A menor criação encontrada não ultrapassava trinta gramas, sendo que o maior criador consegue atingir a criação de duzentos gramas de larvas.

Mais importante que a capacidade de criação das sirgarias é, então, a produção de folhas de amoreira. O criador deve saber exatamente a capacidade de alimentação de seu amoreiral. Esta capacitação implicará diretamente na frequência de alimentações à serem ministradas às larvas. Uma diminuição no número de alimentações ou na quantidade de folhas de amoreira comprometerá no final a qualidade dos casulos. O grama de bicho-da-seda bem alimentado resultará em média, em cinco quilos de casulos. Existem sericicultores em Charqueada que conseguem atingir esta média, mas grande parcela deles não ultrapassa os três quilos de casulos por grama.

Segundo os criadores, um fato corriqueiro e que os prejudica diretamente, diz respeito ao fornecimento das larvas. Em uma verificação rápida do amoreiral, realizada algumas vezes pelo técnico da fiação, este costuma superestimar as possibilidades de alimentação do amoreiral e assim ocorre o envio de mais larvas do que realmente seria possível criar em boas condições. No final o prejuízo é do sericicultor que comumente alimenta as larvas incorretamente.

Como cabe à fiação o fornecimento das larvas (em quantidade certa ou não), ao sericicultor resta encontrar uma solução para que sempre tenha amoreiras disponíveis para eventualidades e mesmo para não interromper a safra, produzindo sempre que possível uma criação ao mês com exceção dos meses de Junho, Julho e Agosto quando se interrompe a criação e ocorre a poda invernal da amoreira que é totalmente recepada, proporcionando brotação vigorosa e bom rendimento de folhas na safra seguinte. "Como o amoreiral é dividido e uma das partes utilizada até o mês de Maio, as outras partes já se encontram em brotação, e, com o início da nova safra, no mês de Setembro, estas já são utilizadas, havendo sempre um revezamento entre as partes para que nunca falem folhas para a alimentação." (Oliveira e Camargo, 1985: 76).

Colhida, durante a safra, a amoreira crescerá novamente em sessenta ou setenta dias. Assim, quem possuir amoreira suficiente para o revezamento continua a produção. Quem possui menos área cultivada desativa a criação neste período, permanecendo dois ou três meses sem criar.

### 1.2.2 A Criação do Bicho-da-Seda

“Para se criar adequadamente o bicho-da-seda, são necessárias três construções básicas: incubadeira ou chocadeira, sirgaria e o depósito de folhas e ramos de amoreira.” (Corradello, 1987:71). A incubadeira ou chocadeira, já não faz parte das instalações sericícolas. Atualmente, ao invés de receber os ovos que seriam eclodidos na incubadeira, o sericicultor recebe larvas na segunda idade. Seguindo a indústria, o fato dela responsabilizar-se pela primeira fase do desenvolvimento dos bicho-da-seda garante ao sericicultor criações mais vigorosas, além de casulos de melhor qualidade para a própria fiação.

Até maio de 1985 o grama das larvas compradas pelos sericicultores da fiação Bratac custava Cr\$ 2.015. Na safra 1987/88 o grama de larvas custou ao sericicultor Cz\$ 13,57, preço fixado pela Associação Brasileira de Fiação de Seda (ABRASEDA). A safra 1988/89 alcançou Cz\$ 322,48 por grama de larvas.

As larvas em Charqueada chegam em uma propriedade utilizada como posto de comercialização. Os sericicultores, quando da entrega dos casulos, já fazem o pedido das larvas para a criação seguinte. Quinzenalmente este posto é visitado pelos técnicos da Bratac.

Cada cria tem um tempo de duração variável segundo a temperatura e a umidade. Na primavera, uma criação alcança trinta dias enquanto no verão este tempo se reduz para vinte e cinco dias; ao contrário, no outono há aumento neste período para aproximadamente trinta e três dias, sem mudanças bruscas na temperatura.

O ciclo vital do bicho-da-seda é marcado por quatro períodos de mudas, caracterizados pela imobilidade dos insetos. Eles permanecem um ou dois dias completamente imóveis e é quando os produtores costumam dizer que estão “dormindo”. Estas mudas correspondem a uma substituição orgânica do tegumento velho (espólio) e membranas internas das larvas em crescimento. Recebidas na segunda idade, as larvas são alimentadas quatro ou cinco vezes ao dia.

Até a quinta idade as alimentações são periodicamente uniformes. A partir de então, por um período de oito a nove dias, as alimentações tornam-se mais frequentes, principalmente se houver uma grande elevação da temperatura. No final da quinta idade, após alimentarem-se de forma abundante, as larvas começam a expelir material sérico entre as folhas, não se alimentando mais, estando então, maduras e prontas para o casulamento. Os bosques são então abaixados e inicia-se o processo de confecção do casulo. Uma inspeção final é realizada, a fim de que se retire os bichos mortos, evitando contato e que se manchem os casulos em construção.

Espera-se cinco a oito dias para colher os casulos e então eles são entregues rapidamente à fiação para evitar a transformação da crisálida em borboleta e

assim a perfuração do casulo, inutilizando-o. A demora na entrega dos casulos pode comprometer seu valor, já que a crisálida vai perdendo peso e assim há queda no volume total da produção, que prejudicaria o produtor. Após a coleta e antes da entrega à fiação, os casulos são limpos na peladeira, eliminando as anafaias, primeiros fios que envolvem os casulos. Há ainda uma seleção prévia, executada pelo sericicultor que os separa e classifica em casulos de primeira, segunda e duplos.

## 2. A RACIONALIDADE CAMPONESA

### 2.1 O Trabalho Familiar na Sericicultura

Quando se analisa a produção familiar, não se deve esquecer que a família é a unidade produtora e consumidora e na economia camponesa esse caráter é sua característica principal, sendo portanto necessário, verificar como se comporta internamente esta família.

Para o produtor familiar ou camponês, a força de trabalho da família é o seu principal capital. A utilização deste fator de produção é a que mais sofre alterações, pois pautada nas relações determinadas pela divisão do trabalho no processo de produção, ajusta-se às necessidades, alterando os níveis de exploração, agregando e organizando os membros da família às relações de trabalho. Esta mão-de-obra pode ser considerada, conforme Tepicht (1973), como não-transferível, ou seja, aquela que nunca é dispensada da propriedade. É a ela que nos momentos de maior atividade o camponês recorre.

Os ingressos resultantes deste trabalho que vão possibilitar a reprodução das famílias camponesas em Charqueada derivam totalmente da exploração do trabalho familiar. A força de trabalho da família é utilizada constantemente. As mulheres, filhos adultos e crianças “ajudando” ou assumindo sozinhos todo o processo produtivo, exprimem o caráter familiar da produção sericícola.

Como uma atividade que, apesar do trabalho contínuo em determinados momentos, não exige grande esforço físico, a sericicultura permite a transformação de “bocas em braços”, ou seja, enquanto atividades como a canavieira ou a pecuária se restringem ao uso da mão-de-obra dos adultos, esta permite que crianças com até seis anos de idade e idosos com mais de sessenta e cinco anos trabalhem, transformando-se de consumidores em trabalhadores. Isto permite maior distribuição do trabalho dentro da propriedade, possibilitando a satisfação das necessidades com menor intensidade de trabalho e, portanto, menor fadiga.

Este equilíbrio trabalho/consumo buscado pela família e que objetiva satisfazer o volume de suas necessidades, está intimamente relacionado à sua dinâmica demográfica, ou seja, um movimento que constitui a história da família tendo por base sua composição etária. (Chayanov, 1974). Como a família é, simultaneamente, unidade de produção e de consumo, é essa dinâmica que permitirá ao produtor familiar intensificar ou não o trabalho segundo a dinâmica da relação bocas e braços, ou seja, consumo/trabalho.



Das treze famílias sericultoras do município de Charqueada, apenas duas não empregam o trabalho da mulher. Numa delas a mulher ocupa-se somente do "serviço da casa" (doméstico) enquanto em outra a mulher não trabalha na propriedade, ficando a criação dos bichos da sede sob a responsabilidade de dois filhos maiores.

Existem aquelas mulheres que se dedicam à atividade por tempo limitado, ou seja, após o término os serviços domésticos, após isso, ao invés de dedicarem-se a outras atividades como costura, bordados, ou até mesmo à diversão, completam seu tempo livre "na roça".

Outras, ao contrário, permanecem por maior período no rancho. Geralmente, levantam-se em torno das 4:30 horas da manhã, preparam o almoço e o café e, então, vão para o rancho, retornando à casa em torno das 10:30, 11:00 horas, para "esquentar o almoço", e retornam em seguida ao rancho, permanecendo lá até depois das 19:00 horas. Os serviços de limpeza da casa, lavagem de roupa, são deixados para o final de semana, nos quais os outros membros da família que trabalham fora estão na propriedade e, assim, os rapazes auxiliam no rancho de criação enquanto as moças "ajudam em casa".

Apesar da autoridade que é imposta pelo pai, as mulheres assumem as responsabilidades da propriedade quando necessário e passam a organizar a produção. Este aspecto pode ser explicado se levarmos em consideração que na economia camponesa o caráter familiar é essencial e a família se mantém unida, trabalhando (fora ou dentro da propriedade) com o intuito de manter o patrimônio familiar, que não se restringe somente à propriedade, mas também aos bens adquiridos pela família através de seu trabalho. É por isso que mulheres e crianças trabalham, sobrecarregando-se de funções.

A tarefa da mulher tem conotação de *ajuda* quando especifica uma colaboração, ou seja, quando a mulher colabora com o marido na alimentação das larvas ou na coleta de casulos. A conotação de *trabalho* se exprime pela realização de suas tarefas domésticas, no cultivo de uma horta ou quando participa do trabalho de cuidado com a amoreira, na adubação e poda invernal que exijam uma dedicação contínua. O trabalho realizado pelas mulheres nas propriedades serícolas não se restringe somente às tarefas citadas. No período de entressafra da sericultura, visando complementar a renda da família para satisfação de suas necessidades, algumas mulheres assalariam-se temporariamente, trabalhando no corte da cana-de-açúcar. Outras, mesmo no período de safra, trabalham na venda de perfumes ou como costureiras.

Na atividade serícola propriamente dita, as tarefas são realizadas por todos sem distinção de sexo. Das doze mulheres entrevistadas, apenas uma delas não realiza o trabalho de cortar a amoreira pela manhã, já que, segundo os sericultores, esta é a tarefa mais cansativa e pesada. No entanto, todas as demais costumam trabalhar neste serviço.

A alimentação dos bichos é tarefa executada por todos. Assim, muitas vezes, as mulheres eximem-se desta, já que existem na propriedade outros trabalhadores (os filhos) que as substituem temporariamente enquanto elas realizam outras atividades. Mas é a partir do período final da criação que as mulheres

são mais requisitadas. O trabalho neste momento é intenso e continua assim até a fase de coleta e classificação dos casulos e, posteriormente, quando se fizer a limpeza geral do rancho, desinfetando-o e preparando-o para a próxima criação.

Para elas o trabalho é imprescindível. Muitas trabalham desde criança e aprenderam isso com os pais. E por isso esse mesmo aprendizado passam para os filhos, sempre preocupadas em manter para eles a propriedade, o patrimônio da família e é por este motivo que, na família camponesa, todos trabalham sem receber nenhuma remuneração. Ao contrário da lógica capitalista, o camponês não tem salário, não objetiva o lucro. A ele e à família interessam manterem-se como estão, trabalhando e satisfazendo suas necessidades, mesmo estando vinculados aos monopólios capitalistas.

### 2.1.2 O Trabalho Infantil

Quando se analisa a participação do trabalhador infantil em qualquer atividade, seja rural ou urbana, um aspecto que sempre suscita preocupação ao pesquisador é a relação trabalho-escola. Para a grande maioria destes a escola tem um papel fundamental, pois é ela, que deverá promover o desenvolvimento.

Assim é que, em Charqueada, as crianças estão incorporadas ao processo de trabalho serícola. Em geral, esse trabalho restringe-se à alimentação dos bichos e limpeza do rancho no final da criação. Tarefas como o corte da amoreira e classificação dos casulos são restritas aos adultos.

Através de contato mantido com algumas crianças, na escola rural (E.E.P.G. Córrego da Onça — vinculada à E.E.P.G. Antônio Furlan), foi possível verificar que o período de trabalho destas crianças inicia-se a partir do meio-dia. O período da manhã é o de frequência às aulas. Segundo os pais, as crianças nunca deixam de executar as tarefas solicitadas pela professora, e estas são realizadas logo que retornam da escola ou à noite.

Por menor que seja o volume de trabalho destas crianças, ele possui certa importância no contexto da unidade produtora, já que permanecem disponíveis e são requisitadas quando necessário, compondo a dinâmica interna da unidade camponesa, à medida que se transformam de consumidores (bocas) em trabalhadores (braços).

Na sericultura em Charqueada, as crianças que trabalham têm em torno de dez anos de idade, mas encontramos crianças com até seis anos alimentando os bichos. Para alguns pais, é necessário iniciar as crianças "cedo" no trabalho, pois assim elas valorizam esse trabalho e percebem o quanto é "difícil a vida". Apesar do início precoce no trabalho, isso não interfere no desenvolvimento escolar das crianças.

Segundo a professora, elas costumam freqüentar a escola a partir dos sete anos de idade, até completar a quarta série. Existem aqueles que continuam os estudos nas duas escolas em Charqueada. Assim, o problema de inadequação idade-série não ocorre quanto ao início da criança na vida escolar. No entanto, na escola rural visitada, na qual as crianças completam até a terceira série, apare-

ceram três casos de crianças com idade posterior à série que cursavam. Segundo a professora, são problemas de adaptação da própria criança. O nível de repetência nessa escola é baixo, restringindo-se a esses três casos. Para as crianças e os pais, a escola é a forma de proporcionar-lhes “um futuro melhor” e é ela quem proporciona a aprendizagem.

Esta perspectiva de “uma vida melhor” nos centros urbanos executando outro trabalho que não o agrícola, tem se tornado uma característica entre as famílias camponesas. Além da alimentação e vestuário, a escola se coloca como uma necessidade e para tanto os pais tem muitas vezes se sobrecarregado de trabalho, dispensando os filhos de algumas tarefas na propriedade.

Das famílias sericícolas entrevistadas, pequena parcela delas ainda não tem os filhos, com o primeiro grau completo. Em geral, estes estão cursando ou já terminaram também o segundo grau e trabalham em Piracicaba em escritórios ou consultórios.

Diante destas colocações surge uma questão: até que ponto a mudança nos costumes tradicionais de trabalho da economia camponesa não é um fator de desagregação da família e assim de desaparecimento desta unidade produtiva?

O Sr. Èttore Rivaben, durante entrevista, salientou que a queda na atividade sericícola deveu-se principalmente a não incorporação total do jovem nas tarefas que compõem esta atividade. Segundo ele, a sericultura exige trabalho contínuo, aos sábados e domingos, e os jovens de hoje dificilmente permanecem na propriedade nesses dias e, assim, a continuidade da atividade está comprometida.

Eventualmente, para algumas atividades agrícolas a mecanização torna-se uma alternativa. Se o camponês possuir capital para investir na mecanização ele o fará e ainda se manterá como produtor. Este já é um fato presente e nele o fator de produção capital substitui o fator trabalho.

Entretanto, em uma atividade como a sericultura, torna-se difícil afirmar que esta seria uma alternativa. Com características de produção artesanal, a sericultura exige o trabalho humano. Uma mudança tecnológica em nada afetaria esta atividade, pois por sua natureza não se adapta a isto. Pode-se aperfeiçoar o processo de obtenção dos sirgos, evitando doenças ou pragas; ampliar o uso do adubo na cultura da amoreira; melhorar instalações e maquinários, mas a substituição do trabalho humano torna-se impossível. Desta forma, pode-se dizer que o desenvolvimento da sericultura em Charqueada está comprometido, haja visto que safra a safra, por problemas de rentabilidade ou de mão-de-obra, decresce o número de produtores.

Quando indagadas sobre quais seriam suas perspectivas de futuro, as crianças não demonstraram iniciativa de deixar a zona rural. Alguns meninos disseram que gostariam de ser “puxadores de cana”. Em geral, já existe na família um irmão, mais velho, trabalhando na atividade canavieira e, possivelmente, sofrem alguma influência, sentindo-se atraídos pelos caminhões e extensão da cultura, já tradicional no município.

## 2.2 Rentabilidade Físico — Econômica da Produção

Na economia camponesa, o trabalho familiar é a forma predominante, através da qual a família consegue seus ingressos e satisfaz suas necessidades. Se o objetivo do camponês é satisfazer as necessidades familiares, isto é alcançado das mais variadas formas. No momento do cômputo dos ganhos, todos os ingressos são computados como resultado final do trabalho da família. Não se distingue o trabalho da mulher na propriedade ou o de pedreiro na zona urbana ou o de sericultor ou puxador de cana. É o equilíbrio entre o trabalho e a satisfação de necessidades objetivas e subjetivas que vai determinar se continuará havendo a auto-exploração da família ou se a quantidade de trabalho poderá ser reduzida para alguns membros.

Neste balanço, o produtor privilegia seus débitos, ou seja, reserva em primeiro lugar o valor correspondente às suas despesas sejam elas financiamentos, compra de insumos, pagamento pelo uso da terra e por eventual utilização de força de trabalho externa à família ou maquinário de outro proprietário. Reduzidas as despesas, o restante será utilizado para reprodução da família.

No caso de Charqueada, quando indagamos sobre o custeio da criação do bicho-da-seda, nem sempre a resposta retornou diretamente. Alguns sericultores não conseguiram dizer exatamente o quanto lhes custa a grama de larvas a ser criada. A total dominação da fiação na realização das negociações coloca o sericultor como participante passivo. Como veremos adiante, os cálculos de pagamento são realizados pela fiação, muitas vezes sem a presença do produtor, que assim não discute preços ou qualidade dos casulos entregues e sujeita-se às determinações da indústria para continuar como fornecedor.

Apesar das dificuldades em obter junto aos produtores o valor de despesas e ingressos, um sericultor se prontificou a realizar todos os cálculos necessários e assim obter-se uma estimativa de custeio e rentabilidade. As despesas contabilizadas pelo produtor podem ser observadas na Tabela 6, na qual aparecem:

— despesas com maquinário, já que o informante não possui trator e, necessitando deste implemento, paga por sua utilização a terceiros. À exceção de um meeiro que utiliza o trator do proprietário dividindo as despesas, todos os sericultores possuem trator, assim como outros equipamentos. A despesa com trator, mesmo existindo, não é contabilizada pois muitos sericultores utilizam maquinário próprio primordialmente em atividades como a canavieira e o cultivo de alimentos, não podendo determinar exatamente o quanto dispenderia com o uso do trator na sericultura.

— despesas com mão-de-obra. Apesar de estar contabilizado, este valor não é debitado na realidade como despesa. Utilizando a força de trabalho da família no desenvolvimento da atividade, o sericultor não a distingue com remuneração em salário monetário. A família receberá por seu trabalho alimentos, vestuário, estudo etc.

— despesas com material consumido na produção de casulos efetuada da seguinte forma: o adubo e o jornal são pagos diretamente no momento da compra efetuada pelo sericultor, sendo os outros produtos fornecidos pela fiação (larva, formol e cal), pagos no momento da entrega dos casulos.

ESTIMATIVA DE CUSTO DE PRODUÇÃO DE 100 GR. DE BICHO-DA-SEDA  
EM 1 HECTARE DE AMOREIRA  
MARÇO-ABRIL/1985

Itens de Despesas		Total
A —	Utilização de máquinas	
	Serviço de roçadeira	Cr\$ 40.000 p/hora — 5 horas
	Passando ferramenta com trator	Cr\$ 40.000 p/hora — 5 horas
B —	Mão-de-obra	
	Adubação	Cr\$ 12.000 cada diária — 2 diárias
	Passando ferramenta com animal	Cr\$ 24.000 cada diária — 2 diárias
	Limpeza do rancho	Cr\$ 12.000 cada diária — 2 diárias
	Capina do amoreiral	Cr\$ 12.000 cada diária — 15 diárias
	Criar bicho-da-seda (2 pessoas)	Cr\$ 24.000 cada diária — 40 diárias
C —	Material consumido	
	Adubo	500 kg — Cr\$ 90.000 o kg
	Formol	30 kg — Cr\$ 2.000 o litro
	Larvas	100 gr — Cr\$ 2.015 o grama
	Jornal	15 kg — Cr\$ 500 o kg
	Cal	7 sacos — Cr\$ 4.000 o saco
		sub-total Cr\$ 756.000
D —	Produção de casulos	
	4 kg de casulos por grama de larva	400 kg — Cr\$ 8.377 o kg
E —	Descontos	
	FUNRURAL	2,5% do total de casulos
Saldo a favor do PRODUTOR		Cr\$ 83.370
sub-total		Cr\$ 747.000
Total geral		Cr\$ 1.903.000
sub-total		Cr\$ 3.334.800
		Cr\$ 83.370
		Cr\$ 1.348.430

Fonte: Antônio Felício — Sericicultor do Município de Charqueada — 1985.

Este fornecimento de larvas e insumos antecipados vai possibilitar ao produtor a reprodução do processo produtivo, ficando estabelecida uma relação de endividamento com a fiação a ser saldada posteriormente. O adubo não é financiado pela fiação e como nem todos os produtores possuem capital suficiente para a compra deste insumo, seu uso é restrito. Em geral utiliza-se o adubo que é comprado para o cultivo da cana-de-açúcar.

Determinada a produção total de casulos e efetuado o pagamento das despesas, restou ao sericicultor, em 1985, um saldo de Cr\$ 1.348.430. Ao final, este saldo é que será utilizado pela família para suprir suas necessidades por mais de um mês até que o amoreiral atinja novamente a fase de colheita de folhas. Há apenas um sericicultor no município que alcança uma criação por mês em toda safra, totalizando sete criações. Os demais executam uma média de três a seis criações por safra.

Tornam-se importantes as atividades complementares realizadas pelos sericultores que possibilitarão ingressos nos períodos em que se espera pelo crescimento da amoreira durante a safra. Observa-se que, restringindo-se a safra sericícola a sete meses no ano, ficam os meses restantes disponíveis também para a realização de outras atividades que foram especificadas quando tratamos do trabalho das mulheres e crianças.

O corte da cana-de-açúcar, realizado no período de entressafra da sericultura, é a atividade mais próxima e rendosa que absorve a força de trabalho sericícola ociosa. A atividade canavieira passa a ser então a segunda fonte de ingressos da família sericícola de Charqueada. Quando proprietário da terra, o produtor arrenda parte da propriedade ou utiliza a força de trabalho da família para a realização desta atividade, tanto na produção direta, quanto somente no corte da cana. Quando parceiro, em geral assalaria-se juntamente com a família para assim obter ganhos que, complementando sua renda, permitem-lhe continuar reproduzindo-se enquanto sericicultor.

Apesar do sericicultor determinar o custeio monetário da produção distinguindo despesa e ingresso, numa análise comparativa baseada na estimativa do produtor e outra realizada pelo IEA (Instituto de Economia Agrícola), percebe-se que muitas despesas não são contabilizadas pelo sericicultor apesar de serem efetivamente despesas.

Observa-se que o sericicultor de Charqueada, apesar de distinguir o que é despesa e o que é renda, não estipula suas despesas de forma tão precisa. Se para o técnico cada tarefa é especificamente definida e diferentemente paga, para o sericicultor criar o bicho-da-seda significa o conjunto de operações que vão desde a colheita das folhas até a colheita dos casulos não havendo distinção no pagamento do valor de cada atividade. O item juros bancários dificilmente fará parte da estimativa de qualquer sericicultor. Trata-se de um problema sério e que segundo alguns técnicos no assunto é um dos pontos de estrangulamento da sericultura paulista.

Por ser considerada uma atividade de risco, os bancos sentem-se apreensivos e, com muito cuidado e prudência, retardam as liberações dos financiamentos. O crédito para a sericultura costuma ser liberado em meados do mês de Outubro

e avança até o mês de Dezembro. Neste período a safra sericícola já se encontra em estágio avançado e assim os recursos maiores que deveriam ser aplicados no tratamento da amoreira na poda invernal, nos meses de Maio, Junho e Julho nunca são liberados. (Okino, 1982).

Como a obtenção das larvas é realizada diretamente através da fiação, o desenvolvimento da atividade não está comprometido. No entanto, a obtenção de casulos de melhor qualidade depende de folhas de amoreira sadias e bem tratadas. E, como nem todos os sericultores tem a possibilidade de efetuar um tratamento freqüente no amoreiral por falta de capital, estes cuidados ficam restritos a alguns deles e, conseqüentemente, a boa qualidade do produto final fica comprometida para aqueles descapitalizados que, sem dúvida, terão perdas significativas de rendimento monetário.

Entre os sericultores de Charqueada, encontrou-se apenas dois casos em que os produtores realizaram financiamento, mesmo assim, tendo como finalidade principal a cultura canavieira. Segundo depoimento de uma produtora que realizou financiamentos no início de 1988, os rendimentos auferidos com a sericicultura são suficientes para o pagamento da dívida e ainda é possível haver uma "sobra" para ser empregada na compra de animais ou implementos. O dinheiro foi usado para a compra de adubo utilizado tanto na amoreira como na cana-de-açúcar. Assim, segundo ela, a sericicultura é que está financiando a atividade canavieira.

A garantia de preços viáveis tanto para produtores como para industriais sempre provoca discussões. Para alguns sericultores, manter-se na produção, "só com preços decentes". Como veremos adiante, por mais que o produtor se esforce para obter produtos de boa qualidade ele nunca consegue atingir o preço máximo. A manipulação dos preços pelas indústrias provoca uma certa desvalorização do produto entregue e o produtor se vê, cada vez mais, obrigado a esforçar-se na obtenção de um volume de produção maior que lhe garanta, mesmo com preços defasados, um rendimento que possibilite a manutenção da família.

São muito diversas as opiniões dos sericultores com relação à rentabilidade da sericicultura. Em alguns casos, a baixa rentabilidade fez com que o produtor deixasse a atividade, buscando o cultivo da cana, a criação de galinhas ou ainda a produção de alimentos. Em outros casos, a sericicultura tem possibilitado o desenvolvimento do sericultor que, com a renda sericícola, pode alcançar um nível de vida razoavelmente elevado, a ponto de ter possibilitado a aquisição e pagamento de financiamentos bancários e a realização de outras tarefas.

Se comparado o rendimento da sericicultura com outra atividade veremos que ela é rentável, observados alguns aspectos. Vejamos o caso da cana-de-açúcar. Em termos de custo, a atividade sericícola requer maiores gastos. No caso da cana-de-açúcar, além de exigir menores gastos no processo produtivo, dispõe de uma política de incentivos e crédito que torna sua prática mais fácil. Em termos de preço, as duas atividades sofrem uma variação, que no caso da cana-de-açúcar, se refere ao teor de sacarose e na sericicultura, de acordo com o teor de seda. Neste sentido, o produtor, para conseguir atingir os índices máximos, necessita dispendar maior capital na produção. Como a cana tem crédito facilitado, torna-se

mais fácil para este produtor atingir preços mais elevados. Como a sericicultura não tem freqüentemente essa possibilidade, o trato do amoreiral muitas vezes é insuficiente, tornando-se difícil ao sericultor obter preços favoráveis.

Quanto às possibilidades de rentabilidade, a sericicultura oferece uma renda maior por unidade de área. Neste sentido, para os pequenos proprietários ela é uma atividade aconselhável. No entanto, a atividade canavieira, analisada globalmente, oferece volume de rendimento superior, já que ocupa uma área muito maior que a sericicultura ou outra atividade, tornando-se inviável em pequenas extensões de terra.

Outro problema oferecido pela atividade canavieira, segundo os sericultores, diz respeito à forma de pagamento, que não é efetuado diretamente, quando da entrega do produto como na sericicultura. O dinheiro do fornecimento da cana é depositado parceladamente no banco, enquanto o pagamento por contratação de mão-de-obra para colheita ou pelo transporte da cana colhida até a usina tem que ser efetuado mediante o término do serviço.

Rentável para alguns, custosa para outros, a sericicultura em Charqueada aparece diferentemente caracterizada para os produtores, pois em cada propriedade ela exerce uma função distinta. Naquelas propriedades em que é a atividade principal e única fonte de renda da família, ela é vista como uma atividade que exige muito trabalho, mas que não remunera devidamente, sendo necessário um complemento através do assalariamento. Em outras propriedades, ainda como atividade principal, a sericicultura é vista como rentável e ainda oferece a oportunidade de uma diversificação na produção, de certa forma até subsidiando outros cultivos como alimentos, cana-de-açúcar e hortaliças. Como cultura complementar, ela é mais uma fonte de ingressos e rentável para aqueles que a praticam.

Especificar se a sericicultura é rentável ou não fica difícil se levarmos em consideração somente seus custos e rendimentos. Ela é rentável para quem pode nela investir, para quem tem a propriedade da terra e tem alguma autonomia para decidir sobre o processo produtivo. A sericicultura possibilitou alguma acumulação pelo sericultor, representada pela compra de mais uma propriedade, de implementos agrícolas, da melhoria de sua casa.

O sericultor, juntamente com sua família nunca diminuiu o ritmo de trabalho quando foram alcançados índices de produção mais elevados. Se o trabalho da família estava possibilitando maiores ingressos, sua atitude era a de aumentar o patrimônio da família. Assim, quando do primeiro período de desenvolvimento da atividade no município, inúmeros foram os casos de aquisição de propriedades. A dependência do mercado provocou muitas vezes oscilações na produção, e uma fase de mercado favorável provocou também a acumulação, sem contudo significar diminuição na quantidade de trabalho da família.

De fundamental importância na determinação da rentabilidade da sericicultura está também o papel de dominação determinado pela fiação. A especificação dos preços e da qualidade é decidida pela indústria e muitos sericultores são prejudicados e principalmente explorados, pois a obtenção de casulos de boa qualidade se coloca para eles como uma necessidade e o empenho da família vai todo no sentido de satisfazê-la sem ser compensado adequadamente.

### 3. RELAÇÃO DA SERICICULTURA COM O COMPLEXO AGROINDUSTRIAL

Antes de demonstrar como se dá o processo de vinculação entre os produtores de casulos de Charqueada e a fição Bratac, é necessário que se entenda o porque da vinculação e em que medida ela pode ser entendida no contexto da economia camponesa.

Observou-se que a atividade camponesa sericícola charqueadense não tem uma característica puramente mercantil, pois é constituída de um conjunto de atividades que não resultam somente no cultivo de produtos para o mercado, mas também cultivos para auto-consumo. Assim, a sericicultura em Charqueada pode ser considerada, conforme Tepicht, uma economia parcialmente mercantil. Esta economia parcialmente mercantil, segundo Tepicht constitui um modo de produção particular, dominado, cujas regras de funcionamento são determinadas pela estrutura econômica dominante no momento, ou seja, a capitalista.

Segundo Harnecker (1978), todo modo de produção é constituído por uma estrutura global estabelecida através de três estruturas regionais:

- estrutura econômica;
- estrutura jurídico — política;
- estrutura ideológica.

Nos diferentes modos de produção, uma destas estruturas domina, ou seja, “desempenha o papel fundamental na reprodução do modo de produção determinante.” (Harnecker, 1978: 15). No modo de produção capitalista, o nível econômico desempenha o papel de dominação, mas também o de determinação. Neste sentido, o modo de produção camponês tem como estrutura dominante a ideológica. A lógica camponesa de obtenção de renda através do binômio trabalho da família/consumo, o forte individualismo quanto ao exterior, representado pela percepção do “nosso”, do “outro” ou “deles”, assim como o forte coletivismo interno, a tornam particular e persistente. O camponês não objetiva a obtenção dos lucros, somente a satisfação das necessidades familiares. No entanto, essa satisfação de necessidades se faz por intermédio de uma vinculação ao mercado, direta quando o produtor familiar consegue executar todo o processo produtivo sozinho e com seus próprios meios ou através de uma vinculação indireta, tendo como intermediário alguma indústria, para a qual este produtor é um fornecedor de matérias-primas.

Esta vinculação fará com que o pequeno produtor, ideologicamente camponês, se subordine à indústria através do complexo agroindustrial, que lhe impõe novos equipamentos, insumos e processos. Isso tudo graças às leis e políticas do Estado que estabelecem preços mínimos, subsídios, crédito etc. Por conseguinte, o produtor familiar, subordinado à estrutura econômica dominante representada pelo capitalismo, continuará produzindo sem perder a lógica camponesa.

#### 3.1 Relação entre o Produtor de Casulos e a Fiação

Executado o processo de casulamento, colheita, limpeza e classificação, os casulos são entregues periodicamente em uma propriedade no município que é considerado um posto de comercialização. Este posto assume uma importância regional, pois, produtores de outros municípios deslocam-se para Charqueada quando necessário, para entregar seu produto. Neste sentido, o município, apesar de não ser considerado mais um produtor em grande escala, ainda mantém-se representativo regionalmente.

No posto de comercialização, tanto se recebe casulos como se distribui larvas. Nem sempre a fiação executa as duas tarefas no mesmo dia. É comum a visita dos técnicos quase que semanalmente, principalmente por nem todos os sericultores possuem a amoreira preparada para o mesmo período.

Para a fiação, apesar da distância fornecedor-indústria que impõe um deslocamento longo e constante, parece ser compensador, pois fica demonstrado assim seu poder de dominação no Estado. Além do que, segundo o gerente da fiação; o posto de compra de casulos da Bratac em Duartina (359 mil quilos na última safra), não consegue suprir a demanda e a expansão do número de produtores e de áreas produtoras sempre se faz necessária, mesmo que isto signifique um deslocamento maior dos técnicos. (Folha de São Paulo, 15/09/87).

As negociações sempre são feitas por intermédio de notas fiscais, que chegam para o produtor com as larvas identificadas com seu nome, assim como quando da entrega do casulo, outra nota é expedida. Não existe um contrato de compromisso entre produtor e indústria. De certa forma, isto não é necessário, já que a fiação Bratac é a monopolizadora do mercado de seda no Estado e, até mesmo de certo alcance nacional. Não existindo outro fornecedor de larvas que concorra com ela, causando problemas e tornando necessário um compromisso legal representado por um contrato de compra e venda, se o sericultor não obtiver a larva com esta indústria não tem como desenvolver a atividade.

No posto de comercialização, os casulos entregues são pesados, para que assim se saiba o total da produção. Todo o processo de pesagem e classificação é realizado sob a fiscalização do produtor, quando este se faz presente, sendo comum a entrega, por um único produtor da produção de vários produtores. Após a pesagem, executa-se uma coleta aleatória dos casulos nos diferentes sacos, até se atingir um total de quinhentos gramas de casulos.

Os casulos coletados são então distribuídos em um quadro de contagem, que tem como finalidade determinar o número e tamanho dos casulos existentes nos quinhentos gramas de referência. Este processo indica para a indústria a qualidade e a produtividade da criação e conseqüentemente, de cada produtor.

Retirados os casulos do quadro, efetua-se a classificação dos mesmos em casulos de primeira, de segunda. Os casulos duplos já são entregues separados pelo produtor. Os casulos de primeira são mais homogêneos quanto ao tamanho, cor e aspecto. Os casulos de segunda, são manchados e com pequenos defeitos na forma e casca fina. Os casulos duplos são grandes, com duas crisálidas.

Os casulos tem dimensão variável segundo raça e alimentação das larvas. Nem sempre é o tamanho do casulo por si só que determinará a qualidade do mesmo. Esta qualidade é medida de acordo com sua riqueza em fio de seda, determinada pela relação entre o peso da crisálida e o material sérico que a envolve e que compõe o casulo.

Após a classificação visual da amostra, trinta casulos de primeira são separados e pesados em uma balança de precisão. Em seguida cortam-se os casulos, retirando as crisálidas e o espólio, pesando novamente apenas a casca de seda que compunha o casulo. A pesagem da casca possibilitará a determinação do teor de seda dos casulos e conseqüentemente seu preço. Os casulos de segunda, também são pesados determinam o valor de descarte. Em resumo os cálculos efetuados para obtenção do preço do quilo de casulo foram os seguintes:

331 cas = 500 gr  
 30 cas = 49.2 gr (com crisálida)  
 30 cas = 9.9 gr (sem crisálida)  
 20.0 gr = descarte

$9.9 : 49.2 \cdot 100 = 20,12\% \cdot 72\% = 14,48\%$  teor de seda

500 gr = 100%  
 20 gr = X  
 X = 4% (porcentagem de descarte)

TABELA DE PREÇOS  
 % de Descarte

Teor de seda	% de Descarte	
	0	4% 15%
19%	.....	
14,48%	.....	Cr\$ 7.068 Preço por quilo de casulos
13%	.....	

(Fonte: Oliveira e Camargo, 1985: 106-107)

Os casulos de primeira são pagos segundo esta tabela, e para cada produtor são executados todos estes cálculos, individualmente. Os casulos de segunda, já entregues separados pelo produtor, são pagos mediante uma avaliação visual executada pelo técnico da fiação. Os casulos duplos também são entregues e seu preço já é pré-estabelecido, sem ser efetuada qualquer avaliação.

A entrega dos casulos de segunda e duplos, apesar de pouco influenciar no pagamento total da produção, sempre possibilita ao produtor um ganho a mais que pode, por exemplo, pagar o cal e o formol que ficou devendo ou parte das larvas. Alguns produtores pela falta de cuidado com a criação obtém certa quantidade de casulos inaproveitáveis, em geral manchados, e como para a indústria estes são os casulos menos recomendados, o preço é rebaixado em relação aos demais, pois já na avaliação visual percebe-se a baixa qualidade.

Estipulado o preço do quilo do casulo e determinado o valor total da produção, efetua-se o pagamento ao produtor, após serem subtraídos do valor total o correspondente ao formol, cal e larvas em débito. O sericicultor, no momento de saldar sua dívida, conhece o preço da larva que tem logicamente um peso maior em relação aos outros produtos. A fiação estipula também o preço do cal e formol que nem sempre são divulgados ou correspondem ao preço do mercado. Seu valor é sempre superior e a justificativa é o fato de o pagamento do produto nunca ser efetuado no momento da compra.

Para diminuir o abuso e sua subordinação às fiações os produtores sericícolos propuseram, juntamente com técnicos especialistas no assunto e que tem atividades em órgãos estatais, que a participação do Estado deveria ser mais ativa na classificação dos casulos e fios e na inspeção da sanidade das larvas e ovos. A saída seria a criação de critérios para classificação que fossem seguidos pelas fiações e controlados por um órgão governamental. No entanto, estes critérios existem, estabelecidos legalmente mas, como justificam as fiações, "é vasto o volume de produções entregues às empresas, tornando-se difícil a análise pelo governo, enquanto que as mesmas já possuem todo um esquema de recebimento, com vários pontos de compra." (Corradello, 1987: 97).

Sujeitando-se às estipulações da indústria, tanto recebendo larvas a mais do que pediu ou aceitando os preços estabelecidos muitas vezes somente por uma análise visual, o sericicultor está na realidade entregando trabalho de graça à sociedade, representada pela fiação. Sabendo que só conseguirá bons preços se os casulos entregues forem de boa qualidade, o sericicultor coloca isto como uma necessidade que deve ser satisfeita. Satisfação esta que só será conseguida se o ritmo de trabalho for aumentado, ou seja, se mais alimentações forem ministradas e se o amoreiral for melhor tratado. Entretanto, esta auto-exploração a que se submete a família nunca é devidamente compensada. Mesmo sendo de boa qualidade, os casulos nunca receberão por parte da indústria o valor devido, pois é ela quem tem exclusividade na compra e no estabelecimento do preço. Assim, aquele trabalho a mais da família é apropriado pela fiação.

Se, no caso da sericicultura, a comercialização é realizada com tanto cuidado e minúcia, a assistência técnica aos criadores não recebe a mesma importância. A vista do técnico restringe-se a comercialização e é este mesmo técnico que visita as propriedades próximas ao posto, para orientar um produtor, que solicitou, no pedido das larvas. Os produtores mais distantes nunca recebem esta visita, reclamando o fato ou justificando-o pois já trabalham na atividade há algum tempo e não necessitam de interferência.

Em termos de técnicas modernas, em Charqueada existe um rancho, revestido de tela de nylon ao invés de sapé, mas que já foi desativado, pois o produtor abandonou a sericicultura e agora cria galinhas. Outro produtor, possui alguns bosques de papelão mas que não são utilizados, pois segundo ele e outros produtores aumenta o trabalho de coleta dos casulos.

A fiação não demonstrou interesse em orientar os produtores para o uso de novas técnicas. Sabe-se que, apesar de possuir uma representatividade regional, Charqueada não possui mais destaque estadual ou nacional em termos de produção, como anteriormente. O número de produtores é reduzido e são poucos

os capitalizados, ou seja, aqueles que poderiam implantar novas técnicas e equipamentos. Assim, Charqueada mantém-se como uma área produtora e mesmo empregando materiais rústicos, ainda desperta interesse da fiação que consegue extrair algum rendimento do trabalho dos produtores e sua família. A relação produtor-mercado, é mantida via fiação. O mercado da seda nacional é restrito, já que se trata de um tecido fino e demasiadamente caro, restrito em termos de utilização pela população.

A produção tem como destino o exterior. A cotação do fio de seda no mercado internacional, apesar de ter sofrido uma queda nos últimos seis anos, alcançou em 1987 um preço de US\$ 26,88, contra US\$ 22,92 em 1985 e US\$ 32,80 em 1980. (Corradello, 1987). O maior importador da seda brasileira é o Japão, estando a seda nacional presente no mercado italiano e francês.

A subordinação a que se submete o produtor familiar em qualquer que seja a atividade agrícola deve-se, em primeiro lugar, ao fato dos produtores ou associações a que pertencem (cooperativas) não dominarem a tecnologia de obtenção dos insumos para produção. No caso da sericicultura, diz respeito a obtenção dos sirgos. Se o produtor obtivesse este insumo mais livremente no mercado, por exemplo quando da existência do Instituto de Sementagem que vendia os ovos a quem se interessasse, ele teria autonomia para escolher a quem vender o produto final. Por outro lado, as indústrias concentradas formam cartéis o que prejudica a livre concorrência e principalmente a estipulação dos preços para os produtos, ditados segundo seus interesses. Desse modo, enquanto um modo de produção dominado, a economia camponesa sem possuir o controle total da produção submete-se e interioriza as regras e ditames do sistema capitalista e persiste mantendo o que lhe é primordial, ou seja o trabalho familiar.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação do mercado na vida camponesa estabeleceu, mudanças no processo produtivo. Desde o surgimento do mercado, o camponês ou produtor familiar deixou de ser auto-suficiente e passou a sofrer interferências do meio externo à família. Sua produção voltou-se ao mercado e as relações produtivas passaram a ser ditadas pelo modo capitalista de produção.

Quando do surgimento da sericicultura, o produtor de casulos tinha maior autonomia sobre o processo produtivo. À medida que as relações de produção passaram a ter um papel social e não mais local o processo produtivo sofreu algumas alterações e laços de parentesco e amizade foram extintos. Contudo, estas alterações não provocaram o desaparecimento dos produtores familiares sericícolas. Isto deveu-se ao fato da economia camponesa caracterizar-se como um modo de produção dominado. Neste sentido, ela interioriza e recicla as regras do sistema dominante sem deixar de ter o caráter familiar, assinalado por Chayanov, como característica primordial.

A família, na realização da atividade sericícola, se coloca como mão-de-obra disponível e busca em atividades fora da propriedade a complementação da renda familiar e satisfação de suas necessidades.

A dominação do modo capitalista de produção através do vínculo produtor-agroindústria consegue realizar-se plenamente graças a incapacidade (técnica e financeira) do produtor familiar no controle total da produção. Controlar o fornecimento da matéria-prima e a compra da produção final através do monopólio colocam a indústria em uma posição de controladora exclusiva, sem concorrentes e sem a interferência estatal que talvez pudesse colocar o produtor em uma situação de maior liberdade.

Enquanto tratou-se da organização da atividade, o Estado viabilizou o processo, oferecendo assistência e fornecendo matéria-prima sem exigir qualquer vínculo. No entanto a fase seguinte, na qual o produtor deveria receber assistência e crédito, seu papel resumiu-se no estabelecimento de preços mínimos, ficando a produção de matéria-prima e controle de qualidade à disposição das indústrias. Apesar de não estar vinculado ao mercado diretamente, em momentos distintos, o produtor sericícola expandiu e declinou economicamente, à medida que as oscilações do mercado externo possibilitavam isto. Assim, mais uma vez o produtor familiar sericícola poderá sofrer esta oscilação. Novas perspectivas de expansão da atividade sericícola estão ressurgindo, derivadas de uma queda na produção de países como Japão, China e Índia, os maiores importadores brasileiros.

Esta procura do fio brasileiro começa a ser sentida nas ações das fiações que tem estabelecido reajustes semanais no preço dos casulos verdes. Além de oferecerem, agora, preços superiores ao estabelecido como mínimo pelos órgãos estaduais. Em 30/09/88, o quilo do casulo verde estava sendo comprado pelas fiações ao preço de Cz\$ 915,00 (na semana anterior era pago a Cz\$ 804,00) e atingiu em Novembro a casa dos Cz\$ 1.300,00, contra um preço mínimo de Cz\$ 693,67 estabelecido em Setembro no início da safra. Observa-se que, como a demanda pelo fio nacional tem crescido, as indústrias incentivadas tem transferido este estímulo aos produtores oferecendo melhores preços, reajustados semanalmente segundo a Taxa Cambial (70%) e a OTN fiscal (30%). Isso poderá provocar entre os produtores uma corrida pela atividade e, quem sabe até, uma nova fase de desenvolvimento da sericicultura em Charqueada.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Rui H. L. de. *Capital Comercial, Indústria-Têxtil e Produção Agrícola*. São Paulo-Brasília, Hucitec-CNPq, 1982. 268 p.
- CARDOSO, Laurô. "A Realidade da Sericicultura Brasileira". *O Campo*. 14 (10): 50-52. Rio de Janeiro, 1933.
- CHAYANOV, Alexander V. *La Organización de la Unidad Económica Campesina*. B. Aires. Nueva Vision, 1979. 342 p.
- "Sobre a Teoria dos Sistemas Econômicos Não Capitalistas" In Silva, José G. da e Stolcke, Verena. (Organizadores) *A Questão Agrária*. São Paulo. Ed. Brasiliense. 1981. pp. 133-163.
- CHONCHOL, Jacques. *Paysans A Venir — Les Sociétés Rurales du Tiers Monde*. Paris. La Découverte, 1986. 299 p.
- CORRADELLO, Elaine de F. A. *Bicho-da-seda e Amoreira — Da Folha ao Fio a Trama de um Segredo Milenar*. São Paulo. Icone Ed. 1987. 100 p.
- COSTA, Yara M. Marinho da. "A Sericicultura em São Paulo" *Boletim Geográfico*. 32 (232): 26-28. Rio de Janeiro, 1973.

- DEAN, Warren. *Rio Claro — Um Sistema Brasileiro de Grande Lavoura 1820-1920*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1977. 205 p.
- FOLHA DE SÃO PAULO. "Bicho-da-seda dá mais trabalho que lucro". *Agrofolha* n.º 64 — Ano 2. 15 de Setembro de 1987. pp. B-8.
- FUNDAÇÃO IBGE. "Pessoal Ocupado por Sexo e Categoria" *Censo Agropecuário*. 1960/70/75/80. Rio de Janeiro. IBGE.
- GERARDI, Lúcia H. de Oliveira. "Utilização da Terra nos Municípios de Americana e Nova Odessa" *Geografia Econômica* n.º 11. São Paulo, USP — Inst. de Geografia, 1972. pp. 1-22.
- GIANOLI, Augucto. S. A. *Indústrias de Seda Nacional dedica aos Fazendeiros do Brasil*. São Paulo, S. A. Indústrias de Seda Nacional — Oficinas Gráficas, 1927. 56 p.
- HARNECKER, Marta. *O Capital: Conceitos Fundamentais*. São Paulo. Global ed. 1978. pp. 11-79.
- . *Os Conceitos Elementares do Materialismo Histórico*. 2.ª ed. São Paulo. Global Ed. 1983.
- INCRÁ. *Estatísticas Cadastrais*. Volume 1. Sistema Nacional de Cadastro Rural — Cadastro de Imóveis Rurais — 1972. Brasília. Ministério da Agricultura. 1974.
- OKAWA, H. e ARRUDA, S. T. "Atualização da Exigência de Fatores, Estimativa de Custo e Rentabilidade da Sericicultura Paulista — Safra 1982/83". *Informações Econômicas*. 13 (4): 19-31 — 1983. IEA — Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. São Paulo.
- OKAWA, Hiroshige. et alii "Investimento e Custo de Produção Sericícola no Estado de São Paulo, 1987/88". pp. 33-44. (mimeografado)
- OKINO, I. "Situação Atual da Sericicultura Paulista". In: *Manual de Sericicultura*. São Paulo. 1982. pp. 17-21.
- OLIVEIRA, Darlene Ap. de e CAMARGO, Elizabeth de. *A Sericicultura e a Indústria da Seda na Região de Charqueada (SP)*. UNESP — Rio Claro, 1985. 144 p. (Trabalho de Graduação).
- SANCHEZ, Miguel C. *Os Municípios de São Pedro e Charqueada — Aspectos de sua Geografia Agrária*. F. F. C. L. de Rio Claro. 1970. 135 p.
- SHANIN, Theodor. *Peasant and Peasant Societies*. Australia. Penguin Books. 1971. 448 p.
- SECRETARIA DA AGRICULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO. "Estatística Zootécnica". *Estatística Agrícola e Zootécnica*. São Paulo. Diretoria de Estatística, Indústria e Comércio. 1931/1941.
- SEÇÃO DE SERICICULTURA. *Levantamento Sericícola do Estado de São Paulo — Safra 1969/70*. Campinas, Secret. da Agricultura do Est. de São Paulo, 1971. (mimeografado).
- SERVIÇO DE SERICICULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Estatística (1955/56 a 1967/68)*. Campinas, Secret. Agric. do Est. de São Paulo. pp. 01-03 e 22-27. (mimeografado).
- . "Produção da Seda no Estado de São Paulo" *Boletim Informativo* 1 (3): 16-17. Secret. Agric. do Est. de São Paulo. 1952.
- . "Distribuição de Ovos de Bicho-da-seda no Estado de São Paulo." *Boletim Informativo*. 2 (4-7): 14-17. Secret. da Agric. do Est. de São Paulo. 1953.
- S. A. INDÚSTRIAS DE SEDA NACIONAL. *Sericicultura*. 5 (30) — Mai/Jun-1931; 6 (40) — 1936; 6 (44) — 1937. Campinas. Instituto de Sericicultura. (Jornal Informativo).
- . "O Desenvolvimento da Sericicultura no Estado de São Paulo desde o ano Sericícola de 1924/25". *Sericicultura* 1 (8): 19-22. Campinas Revista Mensal. 1935.
- STOLCKE, Verena. *Cafecultura — Homens, Mulheres e Capital 1950-1980*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986, 410 p.
- TEPICHT, Jerzy. *Marxisme et Agriculture: Le Paysan Polonais*. Paris, Librairie Armand Colin. 1973. 215 p.
- VISACCHERO, Nanci Ap. *Monitoriamento de Transformações Agrícolas através de Fotointerpretação: O Caso do Município de Charqueada*. Unesp — Rio Claro. 1985. (Relatório Final de Bolsa de Iniciação Científica — FAPESP)

WANDERLEY, Maria Nazareth B. "O Camponês: um Trabalhador para o Capital". *Cadernos de Difusão de Tecnologia* 2 (1): 13-78. Brasília, 1985.

———. "Trajetória Social e Projeto de Autonomia: os Produtores Familiares de Algodão da Região de Campinas, São Paulo". *Cadernos IFCH UNICAMP*. n.º 19, 1988. Campinas. 162 p.

ABSTRACT: *The Persistence of Peasant Holdings: The Silk Production in Charqueada*.

The aim of this paper is to analyse the rural spatial organization concerning the persistence of peasant holdings. The paper also evaluates the role of the family as a production-consumption unit in the silk trade. The authors emphasize the autonomy and subordination of the familiar producer linked to the Textile Agroindustrial Complex as a producer of raw material (silk cocoon) whose process of production and commercialization is described.

PALAVRAS CHAVE: Organization — Peasant Holding — Silk Production — Agroindustrial Complex — Feminine and Child Work — Subordination — Autonomy.

RESUMO: *A Persistência da Unidade Familiar de Produção: A Sericicultura em Charqueada*.

O presente trabalho objetiva a análise da organização do espaço agrário através da persistência de unidades de produção camponesas. Avalia o papel da família como unidade de produção e de consumo na atividade mercantil sericícola. É expressa a autonomia e subordinação do produtor familiar vinculado ao complexo agroindustrial têxtil como produtor de matéria-prima (casulos) para a fiação de fios de seda. Efetua-se uma análise do processo de desenvolvimento da sericicultura tanto no município de Charqueada quanto no Estado de São Paulo e ainda uma descrição do processo produtivo e da comercialização realizada entre produtor e indústria.

PALAVRAS CHAVE: Organização do Espaço — Produção Familiar — Sericicultura — Complexo Agroindustrial — Trabalho Feminino e Infantil — Subordinação — Autonomia.

Recebido em 25-11-1988